

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

THAIZA REGINA COSTA SILVERIO

**A OUTRA FACE DO FUNK:
A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL
EM BAURU-SP**

BAURU
2017

THAIZA REGINA COSTA SILVERIO

**A OUTRA FACE DO FUNK:
A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL
EM BAURU-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira.

BAURU
2017

<p>Silverio, Thaiza Regina Costa</p> <p>S5875o</p> <p>A outra face do Funk: a realidade por trás do gênero musical em Bauru-SP / Thaiza Regina Costa Silverio. -- 2017. 136 f.</p> <p>Orientador: Prof. M.e Vinicius M. Carrasco de Oliveira.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.</p> <p>1. Cultura. 2. Funk. 3. Grande Reportagem. 4. Jornalismo. 5. Televisão. I. Carrasco, Vinicius. II. Título.</p>
--

THAIZA REGINA COSTA SILVERIO

**A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO
MUSICAL EM BAURU-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira.

Bauru, 07 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Me. Vinicius Martins Carrasco de Oliveira
Universidade do Sagrado Coração

Profa. M.^a Mayra Fernanda Ferreira
Universidade do Sagrado Coração

Profa. M.^a Giselle Castilho Hilário Bonomo
Jornal da Cidade de Bauru

Dedico este trabalho a todos os representantes do Funk, aos amantes desse gênero musical e a todos as pessoas que sobrevivem diretamente ou indiretamente da música.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a Deus por me capacitar e me guiar rumo aos meus objetivos. Pela sabedoria concedida, pela oportunidade de estar em uma universidade concluindo o curso que sempre almejei o que, aos meus olhos, é uma grande conquista; à minha mãe Sandra Regina Costa Ramos, que sempre me apoiou e não mediu esforços para que este feito fosse concluído. Mesmo quando eu quis desistir, ela me incentivou e me fez enxergar uma coragem dentro de mim da qual eu mesma desconhecia.

A todos os meus professores da graduação, que contribuíram para a minha formação, em especial à coordenadora e professora de curso Mayra Fernandes Ferreira pela dedicação, respeito e apoio à minha arte, por abrir as portas do curso para um gênero musical tão estigmatizado como o Funk, me incluindo como atração musical em diversos eventos do curso de jornalismo.

Ao professor e orientador Vinicius Carrasco pelo empenho, pelas palavras de conforto, por partilhar toda sua calma para abrandar as minhas tempestades emocionais, pela dedicação e paciência durante toda a orientação, compreendendo todos os momentos difíceis pelo qual eu passei para chegar até aqui, por acreditar neste projeto, por acreditar em mim quando até eu mesma duvidei.

Aos meus amigos Flávia Stopa e Guilherme Lima pelas dicas e incentivo. Aos meus irmãos de coração Mariana Costa Candido pelo apoio, pelas noites em claro que passamos escrevendo juntas, pela paciência, pelas dicas, por me auxiliar com alguns equipamentos e pelo companheirismo de vida ao meu irmão de vida Daniel Spagnuolo. Sem ele, este projeto não se tornaria possível. Além de me acompanhar em todas as gravações, me disponibilizou todo seu equipamento e tempo para a realização das entrevistas, pela paciência e também pelo companheirismo.

Ao Paulo Macarini, técnico da TV Acadêmica pelo suporte, dicas, por ser um profissional proativo, foi fundamental para execução da entrevista principal com DJ Marlboro. Agradeço também a todos os entrevistados que se dispuseram a participar deste produto, cedendo gentilmente seu tempo e conhecimento e contribuindo com esta partilha para este trabalho e também para os objetivos por ele propostos.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram diretamente ou indiretamente neste trajeto acadêmico.

“Em cada estrada, em cada caminho, me sinto tão longe as vezes tão sozinho, levando meu som pras comunidades levando alegria, amor e muita felicidade. Agradeço a Deus por tudo que ele me dá, me da alegria de compor e de cantar”.

Mc Marcinho

RESUMO

O Funk tem origem nas regiões periféricas dos EUA, representa a música negra e, portanto, trata em suas letras da realidade dessas comunidades, seu cotidiano, causando certo “desconforto” a quem não faz parte desta realidade. No entanto, o Funk é ferramenta de representatividade das classes sociais subalternas, é um modo de expressão artística como qualquer outro. Quando chegou ao Brasil, o ritmo não perdeu a sua essência e continuou se alocando nas comunidades, ou seja, na periferia das capitais brasileiras, incumbido do seu legado de representatividade, dando voz àqueles que não tinham tanta liberdade de expressão, fazendo do gênero Funk uma forma de manifestação artística, uma nova cultura oriunda dos pobres, negros e favelados. Com o histórico associado a favela e a retratação das comunidades por meio das letras, o Funk logo ganhou o repúdio da sociedade e foi tachado de fazer apologia ao crime, sexo e drogas. Na mídia, a sua retratação não é diferente, não se mostra a verdadeira “face” do Funk, considerando que o ritmo tem vários subgêneros e, portanto, diferentes vertentes norteando-o. Na busca pela desmistificação desses rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “A Outra Face do Funk”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru, o Funk como manifestação cultural, suas características e a realidade dos adeptos do gênero. Para o embasamento adequado na execução dessa reportagem, desenvolveu-se uma pesquisa teórica que resultou neste relatório, elencando pontos essenciais para a estruturação da reportagem, como a história do Funk, características, o Funk e sua dimensão simbólica, o Funk como comunicação, televisão e produção jornalística para TV. O trabalho resultou na grande reportagem televisiva “A outra face do Funk”, estruturada de acordo com a produção de um telejornal.

Palavras-chave: Cultura. Funk. Grande Reportagem. Jornalismo. Televisão.

ABSTRACT

Funk originates in the peripheral regions of the USA, represents black music and therefore treats in their letters the reality of these communities, their daily life causing a certain "discomfort" to those who are not part of this reality. However, Funk is a tool for representing subaltern social classes; it is a mode of artistic expression like any other. When it arrived in Brazil the rhythm did not lose its essence and continued to be allocated in the communities, that is, in the periphery of the Brazilian capitals, entrusted with its legacy of representation, giving voice to those who did not have so much freedom of expression, making the genre Funk a form of artistic manifestation, a new culture originating from the poor, peripheral blacks. With the history associated with the favela and the recantation of the communities through the letters, the Funk soon gained the repudiation of the society and was taxed of apologizing to the crime, sex and drugs. In the media its retraction is not different; it does not show the true "face" of the Funk, considering that the rhythm has several subgenera and therefore different slopes guiding it. In the quest for the demystification of these labels that some great mass vehicles transmit to society in general, the production of the great television report "The Other Face of Funk" is born on the demystification of the same, which aims to show the socialization of Funk in Bauru, Funk as a cultural manifestation, its characteristics and the reality of the adepts of the genre. For the adequate foundation in the execution of this report, a theoretical research was developed that resulted in this report, listing essential points for the structuring of the report, such as Funk history, characteristics, Funk and its symbolic dimension, Funk as communication, television and journalistic production for TV. Resulting in the great television report "The other side of Funk", structured according to the production of a newscast.

Keywords: Culture. Funk. Great Report. Journalism. TV.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A HISTÓRIA DO FUNK	16
2.1. O FUNK PAULISTA.....	23
2.2. A EVOLUÇÃO DO FUNK.....	24
2.3. CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK.....	26
3. O CONCEITO DE CULTURA	31
3.1. A CULTURA SOB ANÁLISE SEMIÓTICA.....	32
3.2. ESCOLA DE FRANKFURT.....	36
4. COMUNICAÇÃO	40
4.1. JORNALISMO.....	44
4.2. JORNALISMO ESPECIALIZADO.....	46
4.3. JORNALISMO CULTURAL.....	48
4.3.1. O crítico musical	50
5. HISTÓRIA DA TELEVISÃO	54
5.1. HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA.....	56
5.2. TELEJORNALISMO.....	59
5.2.1. Produção e edição	61
5.2.2. A Pauta	62
5.2.3. Execução	63
5.2.4. Edição	64
6. A GRANDE REPORTAGEM	66
6.1. PRODUTO.....	67
6.2. PRODUÇÃO.....	69
6.3. PÓS PRODUÇÃO.....	70
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
APÊNDICE A - Pautas	80
APÊNDICE B - Relatórios de reportagem	112
APÊNDICE C - Relatórios de edição	120
APÊNDICE D - Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome	135
APÊNDICE E – Link para acesso ao Produto	136

1. INTRODUÇÃO

O Funk teve início em 1960 nos EUA, uma mistura de ritmos do segmento da *Soul Music* e *Black Music*, oriundos da música negra norte americana. Sob influência desses gêneros nasceram vários ritmos, originando novos estilos musicais dentro e fora do país. A *Soul Music* ou *Black Music*, a “música de negro”, tem raízes na música gospel com *Rhythm’n’blues*, que ganhou destaque no final dos anos 50 com o cantor Ray Charles. Nos anos 60, o Soul music ganhou reconhecimento mundial, revelando grandes ícones da música como o cantor James Brown. (SOUL..., c2017).

O Funk americano é fruto da *Black Music*, mas sofreu influências do Jazz, R&B, Rock e música psicodélica. Com a integração de novas influências na composição, o gênero Funk se dividiu em subgêneros, dentro e fora do país, com referência em diversificados estilos pelo mundo. (SOUL..., c2017).

No Brasil, o ritmo chegou em 1980, sob influência do Miami Bass, um ritmo oriundo da Flórida que se consiste em batidas rápidas e letras eróticas. Ganhou força dentro das comunidades do Rio de Janeiro e aos poucos foi ganhando uma roupagem nova, com características próprias. (PEDRO, 2015).

O responsável por este novo ritmo que nascia foi o DJ Marlboro, o primeiro a criar o Funk brasileiro com batidas eletrônicas, dando origem a um dos estilos musicais mais polêmicos do país. Mas assim como na cultura norte-americana, o Funk no Brasil não perdeu a sua essência, as letras retratam a realidade vivida nas periferias das cidades, abraçando a causa da representatividade dentro do cenário musical. Neste gênero nasce uma nova cultura, que encontra grande resistência quando sai da comunidade e começa a ganhar os moradores da parte nobre da cidade. Seria o Funk se dividindo em subgêneros novamente, nascendo o *Funk melody* que nos anos de 1990 ganhou dimensões nacionais abrangendo novos públicos e revelando novos talentos como os M'cs Claudinho e Buchecha. (PEDRO, 2015).

Nos anos 2000, o ritmo se populariza e começa de forma mais frequente a ascender moradores de favelas e negros a uma nova realidade socioeconômica, o Funk passa a se incorporar na indústria fonográfica movimentando um novo comércio. (PEDRO, 2015).

Mesmo atraindo um grande público o Funk hoje já ganhou novas dimensões e faz parte de várias realidades culturais, geográficas, sócias e econômicas diferentes.

Ainda assim, o Funk é retratado de forma marginalizada e equivocada pela mídia, associado diretamente ou indiretamente ao crime e a pobreza, realidade que atualmente pode-se analisar que é distorcida da real. (PEDRO, 2015).

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o Funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos à cultura do Funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental.

Sob esta perspectiva, com base no jornalismo cultural e nos princípios de telejornal que originaram a grande reportagem, este projeto visa desenvolver uma grande reportagem televisiva, desmitificando a cultura do Funk e mostrando o gênero em sua totalidade, ou seja, dando espaço através das entrevistas da reportagem, expor diferentes pontos de vistas sobre o Funk e sua significação, sobre o impacto do gênero na sociedade. Mostrar que além de entretenimento o Funk também é uma fonte de geração de empregos, uma fonte de cultura e um evento de manifestação artística como todos os outros.

O objetivo é mostrar diferentes pontos de vista sobre o assunto para desenvolver a função do jornalismo cultural, abordando o tema sem preconceito, mostrando a realidade, oferecendo conhecimento e argumentação concreta sobre a cultura do Funk.

Em Bauru e região, o Funk tem pouca notoriedade e falta informação a respeito dessa cultura. Em poucos eventos de Funk que ocorrem na cidade é evidente a discriminação que esses grupos sofrem por parte da mídia local. Criou-se um cenário de preconceito e desinteresse pela cultura do Funk na cidade de Bauru e região. A ausência de interpretes nos bailes Funk e baladas que tocam o gênero é notório e evidenciam o preconceito, já que em eventos de outros estilos musicais são cantadas por cantores do estilo e não apenas tocadas por um Dj. Abordar este tema no interior paulista é de extrema importância considerando que o gênero é pouco incentivado na região e nota-se que ainda existe certo bloqueio por parte da mídia local em noticiar eventos de Funk. É um assunto pouco abordado e que conseqüentemente não oferece muita informação sobre, não só aqui no interior, mas as pessoas desconhecem ou se “esquecem” que o Funk não possui somente o estilo ‘proibidão’, que é o mais pesado do gênero.

A contribuição aos estudos do jornalismo cultural, que visa oferecer conhecimento de variadas culturas sem preconceitos. Para que o público obtenha argumentos concretos para a construção da realidade. O Funk hoje no Brasil é um dos ritmos musicais mais ouvidos segundo a pesquisa do Ibope. Porém, a sua cultura não tem o reconhecimento necessário na mídia de massa o que pode influir de forma negativa a construção de opinião da população sobre esta cultura.

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás para diante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão. O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele. (BUCCI, 2005, p. 11).

Entender esse fenômeno de forma mais aprofundada permite não só o conhecimento sobre o Funk, mas também na quebra desse “tabu” que norteia o tema. Proporcionar conhecimento adequado sobre o Funk ajuda na desconstrução de preconceitos e desperta o interesse do público sobre o tema, mostrando como o Funk também é uma manifestação artística, fonte de empregos, entretenimento e como o gênero é representativo e inclusivo na questão social. Mostrar estes pontos positivos contribui no fortalecimento do cenário do Funk e as causas que ele abriga.

Para tal compreensão, como uma futura jornalista, me propus a produzir uma grande reportagem televisiva, no qual terei a oportunidade de ajudar a construir uma realidade sobre o Funk. A grande reportagem tem duração de 20 a 25 minutos e visa desmitificar a cultura do Funk, elencar diferentes pontos de vista para mostrar ao telespectador sobre o que acontece e como acontece a socialização do Funk na cidade de Bauru e região.

Para o desenvolvimento do projeto, recorreu-se à pesquisa bibliográfica para embasar a argumentação necessária sobre o tema, para que se possa estudar o assunto em profundidade associando teoria e prática. Para esta dinâmica, utilizou-se o recurso metodológico da entrevista em profundidade para obter o resultado esperado no processo jornalístico. A entrevista em profundidade, apesar de dinâmica e flexível, não permite testar hipóteses, definir quantidade e amplitude. Sua complexidade e eficácia está presente no relato da percepção do entrevistado sobre determinado assunto que visa atentar para os elementos que constituem a

compreensão da estrutura do assunto ou problema tratado. “O uso de entrevista permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”. (DUARTE, 2006, p. 63). Sob esta perspectiva, tem-se uma visão ampla do Funk no interior paulista.

Oferece-se a esse grupo a oportunidade de expor seus pontos de vista sobre o assunto, mostrando as experiências desses representantes do gênero através de seus relatos, expondo como o Funk é socializado, mostrando o que a população pensa sobre o gênero e se existe influência da mídia de massa neste modo de pensar. Associando um conjunto de técnicas ao desenvolvimento do produto em busca de atingir o objetivo da grande reportagem, utilizar-se-á também o método da entrevista em profundidade, com entrevistas abertas que permitem explorar o máximo de cada entrevistado. As abertas não possuem roteiro e exploram o tema com profundidade, permitindo a flexibilidade de perguntas e respostas. (DUARTE; BARROS, 2014).

É essencialmente exploratória e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões ou parâmetros de respostas. Tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando como referência seu conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência. Desta maneira, a resposta a uma questão origina a pergunta seguinte e uma entrevista ajuda a direcionar a subsequente. (DUARTE; BARROS, 2014, p. 65).

Foram desenvolvidas etapas do processo de produção jornalística, da pauta à pós-produção, para a realização do produto, em especial entrevistas em profundidade com personalidades relacionadas ao Funk e especialistas que pudessem contribuir com uma visão crítica do assunto, no sentido de trazer uma abordagem ampla como sugerida pela grande reportagem. Portanto, o relatório do trabalho de fim de curso está dividido em uma etapa que faz um levantamento sobre a temática e sua complexidade e no descritivo do produto resultante da aplicação do fazer jornalístico para sua viabilização.

O primeiro capítulo traz a história do Funk, o gênero no Brasil como música e comunicação, como é abordado pela mídia e os rótulos que o gênero ganhou ao longo do tempo, suas características e seus aspectos de representação, espaço e empoderamento, além da abordagem do mesmo pela mídia.

No capítulo seguinte, trata-se do gênero musical e sua relação com cultura, comunicação, a dimensão simbólica e algumas correntes teóricas que tratam destes aspectos.

Parte-se, em seguida, para aspectos que envolvem o jornalismo, seu conceito e esta prática profissional como um ramo especializado, em especial, na cobertura cultural. Trata-se depois do jornalismo televisivo, desde um breve panorama do surgimento da televisão e do telejornalismo, a linguagem e suas características, gêneros, notícia na TV, critérios de noticiabilidade, processos produtivos e, por fim, a grande reportagem, sua estrutura e características.

Por fim, chegam-se às considerações, na expectativa de que tal pesquisa e o produto que deriva da mesma possam, além de ter permitido o exercício do jornalismo, contribuir para o fim de preconceitos acerca do gênero musical Funk.

A quebra de paradigmas, mostrando as diversas vertentes do Funk, contribuindo para a desmitificação do mesmo, facilitando a compreensão dos elementos e grupos que compõe o cenário deste gênero, desvendando alguns questionamentos com especialistas no assunto, trazendo não só o ponto de vista de quem está inserido nesta realidade, mas também as visões de profissionais das respectivas áreas para sanar qualquer dúvida sobre o tema envolvendo as principais polêmicas. Traz-se também a visão de indivíduos que não se identificam com o ritmo, a fim de expor com clareza e objetividade os fatos apresentados no produto, atendendo ao objetivo do trabalho e de sua proposta também no exercício do fazer jornalístico.

2. A HISTÓRIA DO FUNK

A história se inicia na música negra norte-americana na década de 1960. Com raízes na *Soul Music* ou a “música de negro”, o gênero consiste em uma mistura de música gospel com *rhythm'n'blues*, que começou a ganhar força no final da década de 1950 na voz dos cantores Ray Charles e Sam Cooke, mas apenas nos anos 60 que o Soul Music ganhou reconhecimento mundial com o surgimento da primeira gravadora independente do gênero, a Motown de Detroit, e, em seguida, as gravadoras Atlantic, na Filadelfia, e Stax, de Memphis, revelaram os principais nomes do *Soul* nos anos de 1960 e 1970. O Funk, por sua vez, introduziu as referências do Soul em suas batidas, originando um novo estilo musical. Além do *Soul*, o *Funk* teve influência do *R&B*, *Rock*, *Música Psicodélica* e *Jazz*. (SOUL..., c2017).

A palavra Funk na língua inglesa tem conotação sexual, logo o gênero foi considerado indecente em consequência do nome e de seu ritmo dançante, *sexy* e sua duplicidade de frases. Em 1970, sofreu uma alteração em seu ritmo, que ficara mais pesado, com influências na música psicodélica. Em 1980, houve uma quebra no gênero que originou diversos subgêneros, com referência em diversificados estilos pelo mundo (A ORIGEM..., c2014).

No Brasil, o gênero chegou na década de 1980 como um derivado do produto original, sobre influência de um novo ritmo que veio da Flórida, o Miami Bass, que se consiste em batidas rápidas e letras eróticas (A ORIGEM..., c2014).

O baile Funk nasceu na periferia do Rio de Janeiro e reunia mais de um milhão de jovens que se encontravam aos finais de semana para dançar. Os frequentadores geralmente eram de camada social baixa e de regiões próximas ao baile. Há diversas versões de como surgiu o *baile* Funk no Rio de Janeiro. Uma delas é a de que Asfilófilo de Oliveira Filho, mais conhecido como Dom Filó, que tinha família de origem humilde e residente de regiões periféricas, se tornou um produtor cultural devido aos esforços financeiros de seu pai, para que ele estudasse e frequentasse o clube Renascença. (PEDRO, 2015).

O clube era situado na zona norte do Rio e foi fundado e dirigido por negros de classe média. Os eventos realizados no ambiente tinham perfil erudita, ou seja, mais conservador. Dom Filó passou a assumir o comando do clube. Visionário, o produtor começou a fazer o clube trilhar por novos caminhos no contexto cultural.

Nomes como Martinho da Vila e Elisete Cardoso passaram a fazer parte das rodas de samba do clube. Com forte influência no mundo do samba, o Renascença conquistou uma ala nos desfiles de carnavais em uma das principais escolas de samba do Rio, a Mangueira. A ideia de Dom Filó, desde o início da sua gestão, era transformar o local em um projeto de resistência da cultura negra. (PEDRO, 2015).

A comunidade passou a ter acesso aos eventos e projetos do clube, como a peça teatral “Orfeu Negro”, de Vinicius de Moraes, com a musicalidade de Tom Jobim interpretada nas vozes de Martinho da Vila e Paulo Moura. Filmes que enalteciam a cultura negra eram transmitidos ao público, dando espaço à inclusão da música negra norte americana, souls e Funk. Começavam a surgir mais bailes em diferentes pontos da cidade, alguns realizados pelo próprio público para dançar a então conhecida da época “*Black Music*”, que foi dando origem às chamadas equipes de sons, como a equipe *Black Power* do discotecário Mister Paulão e a do Oséas Moura dos Santos, mais conhecido como Mister Funky Santos. (PEDRO, 2015).

Ambas as equipes dispunham de equipamentos precários, mas que não os impediu de tocar em baile para mais de 1.500 pessoas. Dom Filó buscava a valorização da cultura negra e para isso apostava na coletividade. Com sucesso dos bailes, Dom decide ir mais além e cria sua própria equipe, batizada de Soul Grand Prix, dado origem a uma festa totalmente dedicada à música negra. O nome da festa era “Shaft”, em homenagem ao primeiro ator negro de cinema da época.

Outra versão era de que o primeiro baile foi realizado pelo discotecário Ademir Lemos e o radialista Big Boy¹ no Canecão, na Zona Sul do Rio. Nesta época, Luís Fernando Mattos da Matta, o Bigboy, era Dj amador, mas já trabalhava como radialista e promovia grandes bailes na comunidade. Quando ganhou de seu amigo Hermano Vianna, autor do livro “O Mundo do Funk Carioca”, uma bateria eletrônica, o Dj passou a se especializar e buscar um novo ritmo que originou na criação do Funk com batidas eletrônicas e *samplers* que rapidamente se popularizou nas comunidades. A festa era um sucesso por lá, fundia a música psicodélica *rock* a outros gêneros, mas a casa buscava um público mais elitizado, resultando na mudança de endereço. (PEDRO, 2015).

¹

Big Boy (1943-1977) radialista responsável pelos bailes na comunidade.

Outro fator importante a ser tratado é a comercialização dos LPs na época. Eram poucos os LPs de música *black* e muitas vezes a comercialização dependia de agências de turismo e aeromoças, que traziam de fora do país grande quantidade vinis, o que os tornavam caros, dificultando a movimentação no mercado financeiro. A rivalidade entre os grupos alimentava essa dificuldade, já que os grupos rasgavam os rótulos dos discos ou trocar o nome de uma música de sucesso para outros grupos não ter acesso. A proliferação de novas equipes era constante e novos nomes foram ganhando o cenário, como a equipe Revolução da mente, Uma mente numa boa e Atabaque. (PEDRO, 2015).

Com a popularização do gênero, artistas começaram a incorporar o ritmo em suas produções, como Tim Maia, que, em 1970, que lançou o disco com Funk *baião* Coronel Antônio Bento, que além de apostar em um novo estilo musical, passou a influenciar no estilo de roupa desses jovens consumidores da música *black*. Uma peça bem comum do período é a caça boca de sino e o salto plataforma. Em 1972, Tony Tornado² lançou seu segundo disco, que tinha como capa uma foto do seu cabelo *black* ascendendo a cultura negra, e as letras de suas músicas davam início ao Funk nacional pela ousadia e rimas cheias de gírias, concebendo a era do “Black Rio”. Movimento esse que mantinha o mesmo propósito de Dom Filó, que era enaltecer a cultura afro. (PEDRO, 2015).

Logo surgiram as primeiras coletâneas lançadas pelas equipes mais famosas do Rio. A primeira foi lançada em 1970, por Big Boy, que ganhou o nome de “O Le Bateau ao Vivo”. Em seu segundo disco, em 1972, Big Boy foi mais ousado e lançou o LP Baile da cueca, onde o disco vinha embalado por uma peça íntima masculina de verdade. Em 1975, é a vez da equipe *Soul Grand Prix* e Dom Filó, estreiar sua primeira coletânea. Em 1976, com o sucesso do disco, que vendeu mais cópias que Roberto Carlos, a *Soul Grand Prix* procurou a gravadora WEA, junção dos selos americanos Warner Music, Elektra e Atlantic, que conseqüentemente foi movimentando o mercado da indústria fonográfica para o gênero Funk. (PEDRO, 2015).

No final dos anos de 1970, surge uma nova *disco music* implantada pelo som dos australianos Be Gees com a música *Stayin alive*, que entra para a trilha sonora

² Mais informações na fanpage: <<https://www.facebook.com/oficialtonytornado/>>. Acesso em: 12 ago.2017.

da novela da rede Globo *Dancin Days*³, de autoria de Gilberto Braga, exibida entre, 10 julho de 1978 e 27 de janeiro de 1979.

Com o uma bateria eletrônica, presente do amigo e pesquisador dos bailes Funks Hermano Vianna, o Dj Marlboro começa a produzir sua primeira música. “O mêlo da mulher feia” tinha como base a música norte-americana Do Wah Dyddi, da banda 2 Live Crew. Em 1989, é lançado o primeiro disco de Funk nacional pelo Dj Malboro em parceria com a gravadora PolyGram, nasce o disco “Funk Brasil”. O álbum contava com participações especiais dos Djs e Mc’s da época, como Ademir Lemos e Mc Batata. A parceria com a gravadora PolyGram só ocorreu porque seu amigo Cidinho Cambalhota trabalhava na mesma, pois segundo alguns produtores da gravadora, seria um desrespeito lançar aquele tipo de música. (PEDRO, 2015).

Os produtores da Polygram, não conheciam os bailes cariocas, diziam que o que o Dj estava fazendo não era Funk, já que tinham como referência o Funk norte-americano do estilo James Brown. Os produtores queriam contratar músicos para tocar as faixas que eram feitas com *samplers* e baterias eletrônicas. (PEDRO, 2015, p. 39).

Para a surpresa da gravadora, os discos chegaram a vender mais de 250 mil cópias no ano. Com a alta venda, a gravadora mudou seu posicionamento em relação ao Dj Malboro. Até o produtor que pediu para não ter o nome divulgado no disco se disse ofendido por não ter o nome divulgado. E esse comportamento, de certa forma, ainda é presente nos vários níveis de produção. Na mesma época, o Dj Grandmaster lança seu disco intitulado de Super Quente, que consta com produções instrumentais e vocais, dando origem ao “Mêlo da Funabem” e o “Melô da Bananeira”. (PEDRO, 2015).

Vários Mc’s surgiram no cenário e passaram a desenvolver suas próprias produções em estúdio. Gravavam nos estúdio versões mais leves de suas músicas e posteriormente nos bailes, cantadas de forma explícita no baile Festival de Galeras, realizado pelo Dj Raphael Grandmaster que incentivava jovens moradores de favelas a compor suas músicas e exibi-las ao público. Quem fosse mais ovacionado ganhava a disputa. Assim, surgiram os novos Mcs, que cantavam suas músicas com base instrumental no ritmo Volt Mix, que se consolida como batida do Funk no Brasil em 1990. O Volt Mix é uma batida eletrônica desenvolvida pelo Dj Battery Brian, de

³ Mais sobre a novela em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/dancin-days/curiosidades.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

Los Angeles. Na Flórida, foi usado para desenvolver as batidas do ritmo Miami Bass, que influenciou fortemente o Funk no Brasil. Após estes processos, surge um novo segmento, que são as colagens. As colagens sonoras eram diálogos retirados de produções televisivas, agregadas de efeitos. Nascia então a nova música eletrônica brasileira. (PEDRO, 2015).

As mensagens das letras retratavam a vida na favela, armas e drogas. Em seguida, passaram a ter cunho erótico com duplo sentido e conotações sexuais, a intensidade não era apenas sonora, a relação com o contexto sócio-histórico da realidade na favela alimentava uma visão distorcida para quem não vivia aquela realidade, o que originou o Rap. Neste momento, os Mc's criavam suas próprias composições, transmitindo uma mensagem mais pessoal em relação ao bem comum. Um exemplo é o MC D'eddy, com o Rap do Pirão, que dizia em um trecho do refrão: "Vem pro baile meu amigo e diga violência não". (PEDRO, 2015).

Com as fitas K-7, a comercialização e conseqüentemente a divulgação se tornaram mais efetiva. Dando espaço ao *Funk* em programas de rádio. Logo, os Mcs procuram uma forma de se adequar ao comércio da indústria radiofônica incrementando os seus *shows* com banda, dançarinas e roupas estilizadas. Mas a essência permanece a mesma, as mensagens sobre conscientização denunciam a triste realidade vivida pelos moradores das favelas que, em forma de rimas, pediam paz. Um exemplo é o "Rap da Felicidade", que faz um apelo social com o refrão "Eu só quero ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci. E poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar". Logo este apelo ganharia destaque nas pistas nacionais. Virou sensação no Brasil e na Europa, passou a serem *hits* do verão europeu.

Por conta do conteúdo tratado em suas letras, o *Funk* no Brasil começou a dividir opiniões e em sua maioria ser marginalizado pela população, por retratar de forma explícita alguns eventos em favelas. Nos anos 90, o *Funk* ganhara um novo espaço na realidade cultural e social do Brasil, saiu das favelas e passou a conquistar o público da classe média com letras mais românticas. Havia se estabelecido neste período, dois cenários simultâneos da realidade do Funk, um era a "glamourização" do Funk, que começava a trilhar seu caminho na TV e a conquistar jovens de classe alta que se renderam ao contagiante estilo dançante. Outro era a marginalização por parte dessa mesma elite, da classe conservadora,

que disseminava o preconceito e criminalizavam o gênero de forma agressiva, fazendo associações ao tráfico e a marginalidade nas favelas. (PEDRO, 2015).

Dessa forma, o *Funk* mantém vínculos estreitos com a violência das periferias, das grandes cidades brasileiras; ele canta exacerbando a sexualidade e refletindo o machismo da nossa sociedade; ele é atravessado pela força a mercantilização, que aproxima seu som a uma produção musical pop internacional e também pode, ao mesmo tempo, contrariar a tal lógica industrial; ele reflete as vontades e as necessidades das camadas mais populares, que na última década se viram inseridas na sociedade pelo aumento na possibilidade de consumo, mas também expõe os abismos da desigualdade social em relação as classes mais ricas; ele é desdenhado e perseguido por setores mais conservadores da sociedade, repetindo assim a história de ritmos também periféricos proscritos, como maxixe e o samba, sendo muitas vezes tratado como crime e caso de polícia e não como música e cultura. (PEDRO, 2015, p. 4).

Apesar da resistência que o gênero musical *Funk* sofreu e sofre, por causa do contexto que retrata, o ritmo ganhou seu espaço no mercado da indústria fonográfica. O Dj Marlboro, em 1994, ganha um quadro no programa Xuxa Park, que passa ser a porta de entrada do *Funk* na mídia, além de gerar oportunidades para Mc's, já que o Dj fazia questão de convidar Mc's da comunidade para fazer o quadro com ele. Além da TV, o Dj ganhou uma coluna no jornal *O DIA*, onde também abria espaço a novos artistas e as agendas dos bailes. A Furacão 2000 criou um programa de TV para falar do *Funk* e mesmo com recursos precários, quase escassos conseguia atingir 13 pontos de audiência. Estes programas abriram as portas para uma nova era no *Funk*, começava o movimento do *Funk melody*, uma derivação do *Funk* carioca, com uma pegada mais romantizada e elitizada. Roberto de Souza Rocha ficou conhecido como Mc Latin no início da carreira, mas logo se tornou o Latino dono de grandes *hits* do *Funk melody*. Latino teve sua carreira impulsionada pelo Dj Marlboro que na época lançou o *single* "Me Leva". Claudinho e Buchecha também lançados pelo Dj Marlboro dominaram o cenário do *melody* e chegaram a vender mais de 3 milhões de cópias de disco. (PEDRO, 2015).

Nos anos 2000, o cenário do *Funk* mudaria novamente. Conhecido como tamborzão, este no seguimento incorpora em sua melodia tambores de escolas de samba e outros instrumentos do samba, mas tudo ainda continua eletrônico. Esta novidade foi absorvida pelo Dj Sabãozinho, Luciano Oliveira, que incorporou no ritmo base o Volt Mix percussões de escolas de samba. Outros nomes surgiram como porta-vozes do tamborzão, que fizeram sucesso no país, inteiro como o Bonde

do Tigrão⁴, Tati Quebra Barraco⁵, Mr. Catra⁶, Mc Koringa⁷ entre outros. Sua estrutura melódica ganhará um novo segmento e suas letras explícitas são amenizadas para que pudessem ser comercializadas. Tais mudanças resultaram em um número expressivo de aceitação e consumo do ritmo e conseqüentemente vem se consolidando como forma de manifestação cultural, assim como outros gêneros genuinamente brasileiros. Os anos 2000 sem dúvidas é um marco histórico para o Funk no Brasil, com o lançamento do CD “Tornado muito nervoso II”, da Furacão 2000⁸. Vários *hits* saíram deste disco e dominaram as pistas de dança de todo o país. Músicas como “Um tapinha não dói”, “Cerol na mão” do Bonde do tigrão. (PEDRO, 2015).

Com a mudança da fita para o CD e a popularização da internet, que disponibilizava de maneira mais fácil os Funks cariocas, pode-se notar que há um comércio informal na distribuição da música Funk. Outro fator que marca os anos 2000 no Funk é a chegada de uma mulher como porta-voz do ritmo. Tatiana dos Santos Silva, a Tati Quebra Barraco, abriu as portas para mais uma revolução no mundo do Funk, e daí começam a surgir várias outras intérpretes femininas. Dona de sucessos como “Boladona” e sou “Sou feia, mas tô na moda”, Tati apostou na ousadia para de consolidar no mundo da música. Além de abrir portas a outras cantoras, a funkeira se tornou um ícone do público *gay*, sendo assim apoiando esta causa também. (PEDRO, 2015).

Mr. Catra também aparece na história como um marco, já que o seu som resultou em uma nova sonoridade e na repaginada do estilo na primeira década. Wagner Domingues Costa, o Mr. Catra, também é carioca, mas a sua realidade social é diferente dos demais cantores de música Funk. Catra nasceu em uma família rica e cursou as melhores escolas do Rio. Formado em Direito, Catra hoje canta Funk consciente, que são os que vieram da periferia, os proibições que falam de forma explícita sobre sexo, drogas e violência e o “Funk putaria”, que trata do sexo de maneira explicitamente chula. É importante que essas distinções sejam ressaltadas para que o Funk não seja generalizado como impróprio por causa

⁴ Mais informações em: <<https://www.bonedotigrao.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

⁵ Mais informações na fanpage: <<https://www.facebook.com/tatiquebrabarracooficial/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

⁶ Mais informações em: <<https://www.mrcatraoficial.com.br/site/>>. Acesso em: 14 ago.2017.

⁷ Mais informações em: <<http://mckoringa.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

⁸ Mais informações em: <<http://www.furacao2000.com.br/index.html>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

dessas variações dentro do segmento. O *Beat Box* passa a ser mais lembrado e incorporado ao gênero Funk com a mesma missão que Rap que é acompanhar como uma base a rima do Mc. (PEDRO, 2015).

2.1.O FUNK PAULISTA

Em São Paulo, o Funk ganha vida na Baixada Santista em 1994, através de uma equipe de som formada por um empresário dono de uma loja de roupas *FootLoose* que batizaria também a equipe por ele formada. A complexidade e variedade acompanha também o Funk nesta região. De São Paulo originou-se o “Funk proibidão” e o “putaria” citados anteriormente. Mas, com a força que o Rap exercia sobre o estado, o Funk logo foi difundido a essa cultura e o “Funk consciente” passou a predominar. (PEDRO, 2015).

Essa derivação do gênero Funk ressaltava questões sociais que muitas vezes passavam despercebidas no cotidiano, como a exclusão das minorias sociais. E assim o Funk da baixada paulista segue os mesmos passos do Funk Carioca rumo a ascensão. O estilo chega a Capital, especificamente na região de Tiradentes, um dos maiores bairros paulistas, composto por mais de 40 mil conjuntos habitacionais de classe baixa. O conjunto funcionava como um dormitório, já que abrigava famílias atingidas pelas obras públicas. Sem entretenimento, começaram a fazer festas Funks nas ruas que já chegou ao número de 10 mil pessoas. Os equipamentos de sons usados eram extremamente precários, algo improvisado e, geralmente, a polícia intervinha no evento de forma agressiva. (PEDRO, 2015).

Renato Barreiros era o administrador da subprefeitura da região e teve um papel importante na aceitação do Funk neste contexto. Em 2008, Renato resolveu desenvolver uma ação que promovesse o Funk de forma consciente, assim, surge o 1º Festival de Funk Canta Tiradentes que foi apoiado pela comunidade. (PEDRO, 2015).

A proposta do festival era promover músicas conscientes, que não falassem sobre a violência e sexo. O ganhador do Festival foi o Mc Dedê, com a música jogar bola e estudar. A partir daí, o Funk passa por transformações para conquistar o público fora das regiões periféricas. Então passam a ser mais comportados para impulsionar a divulgação nos meios de comunicação tradicionais, já que antes era inviável por conta das letras polêmicas.

Porém, para se tornarem mais comerciais, os funkeiros passaram a mirar em outro estilo musical, os *rappers* norte-americanos que exaltavam a ostentação, como o rapper 50-Cent. Nasce então o Funk Ostentação, que não tem apenas inspiração norte-americana, mas também reflete os desejos financeiros dos intérpretes de suas letras. (PEDRO, 2015).

Tudo gira em torno de uma realidade recém-adquirida ou até mesmo de um sonho que estes Funkeiros alimentam. Na essência deste estilo o consumo é a chave do sucesso e vice-versa. Os clipes ostentação ganham espaço e com eles surge em 2011 uma das maiores produtoras do Brasil e o segundo maior canal mais visto do YouTube no mundo, a Kondizilla⁹. Konrad Dantas, o proprietário da produtora, com menos de um ano já havia gravado mais de 50 clipes no seguimento e somado mais de 50 milhões de *views* no canal do YouTube. O Funk então passa a se enquadrar nos padrões midiáticos. Dele surge o Mc Guimê¹⁰, um dos mais renomados Mc do país, estourou nas paradas de sucesso com o *hit* “Plaquê de 100” que se refere as notas de cem reais. Mesmo enaltecendo a riqueza, a classe dominante se sente incomodada com a periferia ganhando uma nova chance de poder aquisitivo igualitário ou superior a eles. (PEDRO, 2015).

2.2. A EVOLUÇÃO DO FUNK

O Funk busca inovação constante como podemos perceber ao longo do capítulo. Influências são difundidas ao gênero e dão origem a novas perspectivas no cenário da realidade do mundo do Funk. É um processo de agregação a novas culturas, o que enriquece e enobrece a sua essência de ser porta-voz das minorias e ajudar na luta contra qualquer tipo de preconceito. Mesmo se tornando um produto mais comercial, o Funk ainda tem sido mascarado, ou seja, maquiado pela indústria fonográfica e a grande mídia. Que é o caso Mcs que estouram no Funk e após serem contratados por uma grande gravadora é transformado no que eles denominam como Pop Funk. Um produto mais palatável e sem o peso do nome Mc e Funk, o que já muda o comportamento do público em relação ao artista e suas obras.

⁹ A página oficial no YouTube está disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalKondZilla>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

¹⁰ Informações sobre o cantor disponíveis no site oficial: <<http://www.guimeoficial.com.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

Atualmente, os *Pops-Funks* dominam as pistas de danças e alcançam grandes posições nos rankings musicais. Um caso recente é o da cantora Anitta¹¹ que foi lançada como Mc e após estourar com o hit “Show das poderosas” mudou sua postura e aderiu uma imagem mais pop, com músicas totalmente comerciais, se tornando hoje a rainha do Pop Nacional. Biel¹², Ludmilla¹³, Lexa¹⁴ e vários outros cantores seguiram a mesma receita de Anitta e deixaram o Funk original e maquiaram as batidas do gênero em suas produções.

A internet abriu um novo caminho para quem ainda quer cantar o Funk de origem carioca. Eles não chegam a ser comercializados em rádios e são disponibilizados apenas em plataformas digitais, mas ganham quase que o mesmo reconhecimento em número de *views* no YouTube. Mc G15 é um exemplo disso. Dono do sucesso “Deu onda”, o Mc precisou gravar duas versões da música para poder chegar às grandes mídias, como a apresentação que fez no Domingão do Faustão em 29 de janeiro de 2017. Uma grande vitória para os amantes do gênero, porém a maquiagem da letra é algo ainda incômodo, já que no YouTube o número de visualizações da versão original é muito maior que a versão comercial. A versão original conta com mais de 260 milhões de acessos em menos de um ano.

O Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística) realizou em 2013 uma pesquisa sobre a importância da música na vida das pessoas. Nessa pesquisa, 70% da população brasileira disse “a música é algo importante em minha vida”. Nas rádios foram pesquisados os gêneros mais tocados e o Funk aparece em 9º lugar, com 17%. (INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E ESTATÍSTICA, 2015).

Outra pesquisa, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2008), no Rio de Janeiro, constatou-se que o mercado do Funk movimentava cerca de R\$ 6.110.589,86 por mês, ou seja, rentabiliza mais de R\$73.327.078,32 ao ano só no Rio de Janeiro. A pesquisa abrange desde a equipe técnica até os camelôs que trabalham ao redor dos bailes Funks.

A ascensão dos interpretes do Funk também estabelece uma qualidade de vida melhor através da indústria fonográfica brasileira. O que mostra como o Funk,

¹¹ Mais sobre a cantora disponível em: <<http://anittaoficial.com/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

¹² Sobre Biel informações estão disponíveis em <<http://www.bielmusic.com/>>. Acesso em 28 ago. 2017.

¹³ Informações sobre a cantora Ludmilla disponíveis em <<http://ludmillaoficial.com/>>. Acesso em 28 ago. 2017.

¹⁴ No site oficial de Lexa, mais informações sobre a cantora <http://lexaoficial.com.br/index.html>. Acesso em 28 ago. 2017.

além de entreter, pode ser um grande aliado na geração de empregos. Outra perspectiva notada no seguimento é a contribuição do Funk na promoção da inclusão social, através das suas letras e da luta de seus cantores por espaço no mercado. Pois o estilo foi um dos primeiros a acolher e apoiar cantoras e cantores transexuais e gays, como exemplo a Mc Trans, Pablo Vittar¹⁵ hoje a *dragqueen* mais visualizada do YouTube no mundo (PABLLO..., 2017), Gloria Groove¹⁶ e Mc Queer¹⁷, e também a dar espaço a negros e favelados no cenário musical, como os cantores Nego do Borel, Ludmilla, Dream Time do Passinho e Anitta, promovendo a visibilidade e dando espaço a essas minorias sociais.

2.3. CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK

Mesmo com toda a visibilidade atual e abrindo as portas da música internacional para o Brasil, o Funk ainda é menosprezado no país. Contudo, a cada dia fica mais evidente que este gênero está ganhando proporções internacionais, como no caso em que a intérprete de “Bang” escutou Funks nacionais como “Bum tam”, do Mc Fioti, tocando em um bar chique no aeroporto de Nova York.

Anitta tem sido a grande precursora dessa integração da música brasileira com outros países. Só neste ano, já lançou três hits internacionais como, “Paradinha” em espanhol, “Switch”, onde foi colaboradora da rapper Iggy Azalea, e “Sua cara”, single produzido pelo produtor internacional Diplo e Major Lazer e interpretado por Anitta e a drag Pablo Vittar¹⁸, que protagonizaram a terceira maior estreia do YouTube, contabilizando vinte milhões de acessos em apenas 24 horas no ar (CLIFE..., 2017; PABLLO..., 2017).

Ainda assim, sendo reconhecido pelos maiores Dj’s e produtores do mundo, o Funk em sua casa parece não ter valor musicalmente e nem culturalmente falando. No dia 24 de maio de 2017, o empresário paulista Marcelo Alonso, 46 anos, conseguiu coletar o total de 22 mil assinaturas na internet, para prosseguir com a proposta de lei que iria criminalizar o Funk. O suficiente para que a proposta de lei

¹⁵ Mais na fanpage: <<https://www.facebook.com/pg/vittar.pablo>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

¹⁶ Mais informações em: <<http://www.gloriagroove.com.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

¹⁷ Mais informações na fanpage: <<https://www.facebook.com/mcqueer/>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

¹⁸ Para informações, acesse a fanpage: <<https://www.facebook.com/pg/vittar.pablo>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

fosse encaminhada a relatoria e a partir daí analisado pelo Senador Romário que organizou um debate para discutir a proposta. (CRUZ, 2017).

O autor da proposta alega que a “suposta” cultura do Funk é um “crime de saúde pública à criança, aos adolescentes e à família” e que deve ser criminalizado por este motivo. (CRUZ, 2017).

São somente [o Funk] um recrutamento organizado nas redes sociais por e para atender criminosos, estupradores e pedófilos a prática de crime contra a criança e ao adolescente, venda e consumo de álcool e drogas, agenciamento, orgia. (SANTOS, 2017 apud CRUZ, 2017).

A comissão de Direitos Humanos aprovou no dia 21 de junho do presente ano a audiência pública que tratará sobre a “criminalização do Funk”. Para o debate, foram convidados os maiores Funkeiros da atualidade, entre eles Anitta, Nego do Borel e Valesca Popozuda. Também foram chamados antropólogos que estudam o ritmo, e o anfitrião de todo o debate será o senador Romário que fez questão de defender a causa e explorar medidas menos extremistas como a criminalização do gênero. (ROMÁRIO..., 2017).

Na novela a “Força do Querer”, exibida pela Rede Globo no dia 17 de julho de 2017, a personagem Bibi, interpretada pela atriz Juliana Paes, é convidada para uma festa no morro. No capítulo, a autora Glória Perez simula um baile em comemoração ao traficante local. Do início ao fim do baile, era notável a quantidade excessiva de armamentos e a dominação do traficante da trama no morro, que oferecia até camarotes para seus convidados, bebidas e drogas a vontade e as músicas escolhidas para representar toda a encenação foram “Olha a explosão”, do Mc Kévinho¹⁹, um dos maiores Mc’s da atualidade, e “ Baile de Favela”, do Mc João²⁰.

O baile tinha a maioria de seus integrantes negros, pobres e em sua maioria bandidos, o que ressalta o poder da influência da mídia de massa na concepção da culturalização do Funk. Nota-se que ao tentar recriar uma suposta realidade, a autora de “A Força do Querer” insinua diretamente ou até mesmo indiretamente que o Funk está associado ao tráfico, a favela e a marginalidade, ou seja, o Funk só está inserido em locais pobres, de baixa instrução escolar e dominado pela

¹⁹ Mais informações em: <<http://newsmckevinho.com.br/>>. Acesso em: 29. ago.2017.

²⁰ Mais informações na Fanpage: <<https://www.facebook.com/mcjoaooficial/>>. Acesso em: 29. ago. 2017.

marginalidade. Como se todos que escutassem Funk morassem no morro e fossem necessariamente bandidos.

João Israel Simeão, mais conhecido como Mc João, interprete de “Baile de favela” escolhido pela autora da trama para representar a musicalização do baile na novela, sustenta a família desde os 17 anos com Funk.

De acordo com o portal de notícias G1 (ORTEGA, 2016), o pai de Mc João morreu quando ele tinha 17 anos e a partir daí precisou buscar recursos para cuidar da mãe doente e de duas irmãs. Em reportagem ele afirma ganhar em torno de R\$ 620,00 por mês como *office boy* e diz encontrar no Funk uma válvula de escape para a rotina exaustiva. Ele afirma também, que o Funk foi uma maneira dele se afastar da criminalidade vivenciada no morro.

A gente é jovem, então por falta de opção de lazer acaba acontecendo. A gente é induzido a ter as coisas e passa vontade, e isso não faz bem. O fluxo é um jeito de se divertir. Tem gente que paga R\$ 100 só para entrar numa balada. Com R\$ 100 você faz a festa do fluxo. Sei que fica ruim para quem quer dormir na região, mas também virou uma fonte de renda para a comunidade, diz. Tem noção de quantos carrinhos de bebida, de refrigerante, quanta gente o fluxo emprega? [...] Só quando a polícia chega é que uma correria para não perder tudo. É tiro de borracha pra lá, pra cá [...]. (ORTEGA, 2016).

Logo, nota-se que, os argumentos estabelecidos pelo empresário Marcos Afonso, são deduções infundadas de uma realidade na qual o mesmo não vivencia e nunca fez parte e também não procura se informar. Baseado apenas no que a mídia de massa veicula e de como ela veicula. Neste caso, é notável como a mídia pode influenciar no comportamento de seus usuários a ponto de se fazer importante apenas a perspectiva da mídia, sem levar em consideração que pode, sim, haver uma outra realidade não retratada pela mesma, induzindo diretamente o indivíduo.

A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe mal fazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que sonham, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodam, mede o que lhe cerceiam ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que ameaça[...]. Já lhe não era pouco ser órgão visual da nação. Mas a imprensa, entre os povos livres, não é só instrumento de vista, não é unicamente o aparelho de ver, a serventia de um só sentido. (BARBOSA, 2004, p. 32).

A grande questão de todo esse ódio gratuito ao Funk nacional pode estar ligado a sua origem humilde, nascido nos subúrbios das capitais do Rio de Janeiro e São Paulo. O gênero segue os mesmos passos do Samba, que chegou ser proibido

durante o início do século XX, entre outros ritmos ligados aos negros e pobres como o Rap e a capoeira. Tal perspectiva, reforça-se com um pequeno e raso comparativo das letras e das mensagens de outros estilos musicais. Tem exatamente o mesmo conteúdo, porém se beneficiam de um vocabulário mais rebuscado.

Erasmus Carlos, um dos compositores mais renomados do Brasil, premiado como melhor compositor brasileiro em 2009, pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), e um dos precursores da era da jovem guarda (BIO, c2010), em um de seus maiores sucessos, “Vem quente que eu estou fervendo” composição de Eduardo Araújo e Carlos Imperial, o intérprete ganhou mais popularidade. Em um dos Trechos da música cita:

Pode tirar seu time de campo,
O meu coração é do tamanho de um trem
Iguais a você,
Eu apanhei mais de cem
Pode vir quente que eu estou fervendo!. (VEM..., [2017?]).

Se comparado ao Hit do Mc João que segundo o portal G1 já foi acusado em redes sociais de incentivar a violência contra a mulher, o conteúdo da mensagem é quase que o mesmo.

Ela Veio Quente hoje eu tô fervendo
Ela Veio Quente hoje eu tô fervendo
Ela Veio Quente hoje eu tô fervendo
Quer desafiar não to entendendo.

É perceptível que o hit do Mc João é hostilizado por ser explícito e Erasmo enaltecido por ter a mesma conotação sexual, porém embutida. Outras comparações podem surgir, como a música do cantor sertanejo Luan Santana com seu mais novo sucesso “Vamos acordar esse prédio”. Do início ao fim da letra, a conotação sexual é visível, principalmente nos trechos “Enquanto eles tão indo trabalhar a gente faz amor gostoso de novo” ou no trecho “Será que tem como a moça gritar baixinho, o clima está bom, mas paredes têm ouvidos”, notasse que o teor é o mesmo, porém um pouco mais rebuscados do que de um Funk, mas a mensagem não muda. Sem citar os novos nomes do sertanejo como Naiara Azevedo que na canção “Printou nossa intimidade” usa termos explícitos como “Além de ser broxa, é covarde”, em outro trecho a cantora usa do duplo sentido para

“amenizar” o conteúdo da letra, mas a sexualidade ainda é presente e muito explorada pela mesma:

No papo é um leão, na cama um coelhinho
E o print que espalhou, todo mundo viu
Que eu era muita carne pro seu espetinho
O Brasil me viu gostosa e você pequenininho
Hoje eu rasgo esse cara na unha
Sorte dele que ele sumiu.

Além de indiretamente incentivar a violência como no trecho que a cantora diz: “Hoje eu rasgo esse cara na unha, sorte dele que ele sumiu”.

O fato é que assim como em outros gêneros e em outras situações, o Funk também tem seus contras, canções “ruins” como em qualquer outro gênero. A definição de música, por sua vez, compreende, sim, o Funk que deste modo caracteriza-se como uma forma de expressão e manifestação cultural e não deve ser punido por retratar a realidade de forma explícita e não mascarada como outros gêneros.

3. O CONCEITO DE CULTURA

Conceituar cultura e delimitar o termo seria limitá-lo dentro de suas extensões. O significado de cultura nos dicionários é derivado da palavra cultivar, ou seja, tudo que se cultiva é compreendido como cultura. Reforçando esta conceituação, o autor Aldo Vannucchi, em sua obra 'Cultura Brasileira', ressalta a dificuldade em desmitificar a palavra, mas conclui o seu conceito como produção humana.

Quando, porém, se procura extrair dessa realidade viva um conceito único e universal de cultura, a dificuldade surge e se agiganta [...] Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura. A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que provém delas é cultura. Em resumo: tudo que é produzido pelo ser humano é cultura. (VANNUCCHI, 1999, p. 22).

O termo cultura compreende tudo o que o ser humano produz e trabalha em prol para manter e expandir. É a cultivação de um modo de vida, uma ideologia abrangente em todos os sentidos. (VANNUCCHI, 1999). Mas é necessário compreender todos os aspectos e a dimensão da palavra cultura, dentre eles a sua origem, formação, conceituação e significação. A cultura tem origem na palavra colére, que abrange desde cultivar e habitar a adorar e proteger. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Cucho conceitua cultura como habilidades humanas no cultivo. (CARRASCO, 2015).

No século XVIII, a cultura passa a remeter-se a figuração que exigia uma complementação para significar as suas extensões ("cultura das artes" "cultura da ciência"). No período iluminista, a cultura passa a diferenciar o ser humano das demais espécies, unindo o homem à sociedade, ou seja, uma associação de cultura mais civilização. A ação do homem passa a resultar em cultura partindo do pressuposto de que os conhecimentos adquiridos pelo homem ao longo de sua trajetória impactam no seu modo de vida e conseqüentemente no grupo no qual está inserido. Costumes, crenças, a coletividade, a interação com outras pessoas, a adaptação a um ambiente, a outros hábitos ou até si mesmo, acarretam significação no conceito da palavra cultura como uma ideologia. O que implica no uso da simbologia, e para significar o código simbólico se utiliza o sentido. Esta

compreensão também varia de acordo com o repertório de vida de cada indivíduo, trazendo visões divergentes sobre como conceituar a palavra cultura, e o que considerar parte dela. (CARRASCO, 2015).

Geertz cita *Mirror for Man* (1952)², do antropólogo Clyde Kluckhohn (1905-1960). Na obra, tal definição refere-se a pelo menos onze possibilidades, segundo Geertz (1978, p. 14), remetendo à “polifonia” conceitual: o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente, um celeiro de aprendizagem em comum, um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento ou um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação a outros homens, etc. (CARRASCO, 2015, p.24).

De acordo com Carrasco (2015), seguindo este pensamento, compreende-se que o homem é o responsável por criar suas vinculações, construindo a sua própria rede de conectividade com os demais elementos, o que induz a criação de sentidos e compreensão dos mesmos, de modo a interferir no discurso humano. Entende-se então que cultura pode significar qualquer coisa que seja implantada e cultivada pelo homem, faz referência ao humanitarismo ressaltando a ação vinculada ao modo como se desdobra a ação. Podemos definir a compreensão humana sobre cultura seguindo os fundamentos da Semiótica.

3.1.A CULTURA SOB ANÁLISE SEMIÓTICA

Semiótica é a ciência que estuda os signos e os processos significativos (Semiose) na natureza e também na cultura. Sua etimologia remete a expressão grega “*semeïon*”, que representa o signo, e “*sêma*” que vem de sinal ou signo. Esta teoria trata dos estudos de todos os tipos de sistema de signos. Inicialmente, a história tem origem na filosofia greco-romana, que estuda os signos verbais e não verbais, que neste primeiro momento foi conhecida como a semiótica Avant la lettre e foi desenvolvida por grandes pensadores, como Platão e Aristóteles. (MELO, 2010). Platão definiu o signo verbal, como a representação incompleta da verdadeira natureza das coisas. Também definiu significação e contribuiu com a teoria da escritura. Aristóteles foi o responsável por estudar a distinção dos signos, e os define como uma relação de implicação. Para ele, o que procede ou segue o ser ou

participa do desenvolvimento de alguma coisa torna-se signo daquele ser ou coisa. (NÖTH, 1995).

Nos séculos XVII e XVIII, desenvolveram-se três fortes correntes que influenciariam diretamente o que entendemos hoje por semiótica, primeira, é o racionalismo francês, o empirismo britânico e o iluminismo alemão. O racionalismo desenvolvido na escola semiótica de Port-Royal que definiu o significado do signo, a ideia de coisa representada ou que a coisa que representa, que seria o seu significante, denominando as características acústicas e também visuais do signo. Esta conceituação ascendeu a semiótica e trouxe o modelo que temos hoje de Saussure. O empirismo desenvolve-se sob a perspectiva de três filósofos: Thomas Hobbes, que foi o responsável pela definição didática e materialista dos signo verbal, o que contribuiu futuramente para o que Pierce chamou de “semiose limitada”. Berkeley, que vê a semiótica sob a perspectiva da relação entre signo e coisas significadas, dessa forma defende a ideia de que o mundo natural está envolvido por signos. E Jhon Locke, que seria a principal figura deste contexto entre o século XVII e XVIII, que classifica e distingue o signo em duas classes: a primeira, as ideias que segundo ele representam os pensamentos e as palavras que representam as ideias do utilizador e torna-se signos por isto. (NÖTH, 1995).

A partir desses estudos, Charles Sanders Peirce (1839-1914) desenvolveu a semiótica pierciana. Pierce era um cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico. Formou-se na Universidade de Harvard em química e contribuiu de forma significativa na área da biologia, psicologia, filosofia entre outros campos. Charles Pierce demonstrou através da sua ciência que podemos identificar os signos com similaridade, como signo indicativo ou convencional. (WANNER, 2010).

Analisando a questão sob esta perspectiva da semiótica, mais especificamente a semiótica pierciana, divide-se a compreensão humana em três fases fundamentais para a composição do pensamento que organiza a linguagem e resulta no sentido que dá origem a comunicação humana. A primeira é o modo de reconhecimento e interpretação humana, como compreendemos o mundo a nossa volta a partir das interferências, ou seja, as coisas reais e abstratas em um primeiro momento interpretamos como qualidades. Em um segundo momento, relacionamos aquele objeto com algo que já faz parte do nosso repertório de vida e o terceiro e último momento dentro deste conceito teórico de Pierce é fase em que se interpreta todo o contexto. Na semiótica pierciana, estas fases são chamadas de Primeiridade,

secundidade e terceiridade, que visam compreender como os signos fazem a intermediação com a realidade construindo o processo comunicacional de qualquer linguagem. (NÖTH,1995).

Neste sentido, Mikhail Bakhtin (1895-1975), autor soviético formado em história e Filologia, defendia a visão de conjunto e era contrário as análises parciais, ele entendia a linguística como parte da cultura. Dividiu os seus estudos culturais em estruturas linguísticas como o Dialogismo, é como Bakhtin define a interação entre texto, ou seja, a sempre a correlação com outros discursos similares (ELICHIRIGOITY, 2008).

Sendo assim, compreende-se que toda comunicação faz parte de um diálogo que reflete outros, por conta do repertório de vida de cada pessoa. Esta teoria visa não só a comunicação verbal, mas sim um estudo do receptor sobre sua compreensão. Para cada discurso há uma linguagem e signo que estejam de acordo com a cultura do receptor, o que é muito presente em campanhas publicitárias, livros e até jornais. Parte dessa teoria se complementa com a polifonia que se resume nas vozes polêmicas de um discurso. Dela se origina o gênero dialógico monofônico, uma voz predominante sobre todo o discurso, resumindo um sentido único, que destina a uma única interpretação. (ELICHIRIGOITY, 2008).

Em contrapartida, o gênero dialógico polifônico o que se sobressai são as várias vozes do discurso, ou seja, textos que apresentam outros textos ao longo do discurso, o que ocasiona várias interpretações. Sendo assim, são textos que se estruturam a partir da construção de vários sentidos. A intertextualidade e a interdiscursividade também estão presentes na construção do sentido linguístico. A interdiscursividade se resume na relação entre discursos, contextos e ideologias que apresentam discursos correlacionados. (ELICHIRIGOITY, 2008).

A intertextualidade é a relação de textos com recriações e citações presentes ao longo do discurso. Nela estão presentes diferentes modos de aplicação. A alusão faz referência explícita ou implícita a uma obra, instiga a capacidade de associação do receptor e depende do contexto no qual está sendo inserido. A citação, uma reprodução exata de outro discurso, indicada por pontuação específica. A epígrafe pode ser entendida como pequeno texto ou fragmento em forma de inscrição, serve de tema ou motivação e pode reunir o conjunto ou pensamento ideológico. A paráfrase, por sua vez, se define como reprodução explicativa de um texto por meio de uma longa linguagem. Por pastiche, entende-se a criação artística com colagens

de outros enunciados. Já por plágio, cópia de obras intelectuais. Por paródia, tem-se a recriação de um discurso com objetivo de satirizar, desconstruindo ideologias e levando a reflexão. Outro modo de aplicação seria a tradução, que consiste em traduzir de um idioma para outro. E, por fim, a versão, que consiste na derivação de uma obra original que geralmente não há compromisso com o conteúdo do discurso. Estes são os elementos que constroem a intertextualidade dentro da esfera semiótica e estruturam o texto linguístico. (ELICHIRIGOITY, 2008).

Outra análise cabível ao tema é a semiótica da cultura. Iuri Lotman em 1984 afim de compreender a ideologia dos signos no universo cultural, investiu nos estudos da linguagem que teve como aporte teórico os estudos da semiótica desenvolvidos por Mikhail Bakhtin (1895-1975), afim compreender a dinâmica dos encontros e diálogos culturais. (MACHADO, 2010). Essa teoria faz do texto um objeto de significação que passa a ser estruturado como um objeto de comunicação, portanto pertencente à cultura, ou seja, visa compreender de alguma forma todos os tipos de manifestações culturais, tanto socialmente quanto historicamente. Dessa forma, a teoria tem como princípio estudar o papel da linguagem dentro das representações culturais, o que significa que a cultura é um tipo linguagem que abrange todos os aspectos da vida. (VELHO, 2009).

Essa corrente abrange um legado enorme de discussões, que se dobra sobre os aspectos sociais, filosóficos, tecnológicos que, de alguma forma têm influência sobre a produção signica de determinada cultura e dão conta dos processos de significação e de comunicação em um grupo social: isto é, tenta entender como são os registros, as representações da cultura nos diferentes suportes que ela dispõe e nos diferentes momentos históricos-sociais. (VELHO, 2009, p. 250).

Entende-se que a linguagem serve como um sistema de signos que originam a comunicação na produção cultural, que resulta na linguagem da cultura. Essa dimensão semiótica associada ao conceito de cultura é abordada na comunicação por estas teorias dos estudos culturais. Outra corrente das teorias da comunicação que trata do conceito de cultura é a chamada Escola de Frankfurt, da qual tratar-se-á a seguir.

3.2. ESCOLA DE FRANKFURT

A escola de Frankfurt foi fundada em 1924 por Félix Weil, que comparada com a ideologia ensinada na escola alemã, preenchia as lacunas deixadas pela história do movimento trabalhista e socialismo. (MATOS, 1993). De Frankfurt surgiram os primeiros estudos sobre a comunicação de massa, dentre eles a teoria da Indústria Cultural por Adorno. Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em Frankfurt em 1903, filho de um alemão prospero negociante de vinhos e de mãe italiana. Foi um intelectual e formou-se na universidade de Frankfurt em filosofia, sociologia, psicologia, musicólogo e compositor. Max Horkheimer nasceu em 1895, em Stuttgart, na Alemanha, era filho de um industrial judeu e abandonou a fábrica do pai para se dedicar aos estudos a Universidade Frankfurt, onde se formou em filosofia e psicologia. Adorno e Horkheimer se conheceram em 1922, durante um seminário sobre pensamento filosófico de Husserl. Quando Adorno ficou exilado nos Estados Unidos, ficou ainda mais próximo de Horkheimer e passaram a trabalhar em colaboração, dando origem a obra *Dialética do Iluminismo*, em 1947, em Amsterdã. Porém, estreitara seus laços com o Instituto de Pesquisa Social criado por Horkheimer em 1938, quando retornou a Frankfurt, em 1955 torna-se codiretor e mais tarde em 1958 torna-se diretor do instituto. Com suas críticas a ciência contemporânea e seu bom desempenho, Adorno torna-se em 1968 reitor da Universidade de Frankfurt. (MATOS, 1993).

Ao que tudo indica, o termo “Indústria cultural” foi empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der aufklärung*, publicado em Amsterdã, em 1947, por Adorno e Horkheimer. Essa teoria visa fazer uma crítica social. Ela define o cenário cultural contemporâneo como uma indústria, um comércio de artes que pode influenciar a essência da obra. Contudo, segundo Cohn (1971), esta mesma indústria produz em grande escala e induz diretamente e indiretamente o público a consumir ou não determinada produção artística, ou seja, a produção de uma mercadoria artística é motivada pelo lucro da mesma e não há criações espirituais.

As mercadorias culturais da indústria se orientam, como disseram Brech e SuhrKamp há já trinta anos, segundo o princípio de sua comercialização e não segundo seu próprio conteúdo e sua figuração adequada. Toda a práxis da indústria cultural transfere sem mais, a motivação do lucro as criações espirituais. A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida de seus produtos no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação. (ADORNO, 1947 apud COHN, 1971, p. 288).

“As produções do espírito no estilo da indústria cultural não são mais também mercadorias, mas o são integralmente.” (COHN, 1971, p. 289). Dessa forma, toda produção cultural, mesmo que não condicionada a produção capitalista, se integra neste mercado de forma involuntária e passa a ser parte constituinte da indústria cultural. As mudanças da indústria cultural são sempre advindas de uma mudança semelhante da mesma, o que reforça a ideia de que nada se cria, desde que o lucro passou a fazer parte do cenário cultural. Contudo, toda produção agrega em si sua particularidade, o individualismo ressalta a ideia de que a cultura passa a ser objetificada, ocasionando a exploração comercial. Quanto mais coisificado e midiaticado for o produto, maior a chance de sucesso no processo de comercialização, principalmente se associado a grandes personalidades. (COHN, 1971).

Sob a perspectiva de Cohn (1971), esta exploração comercial da produção cultural resulta em numerosos investimentos precipitados que não visam agregar nada além do lucro à cultura, e para os promotores da indústria cultural o que eles oferecem ao público trata-se de comércio e não arte, ou seja, contrapõe a ideia de arte inserida na comercialização do produto e acaba sendo contraditório a alegação dos promotores deste setor em relação a produção cultural. Fica claro que indústria é cautelosa em se ausentar das consequências do uso das suas técnicas, e se mantém na posição externa ao seu objeto.

Ela vive, em certo sentido, como parasita sobre a técnica extra artística da produção de bens materiais, sem se preocupar com a determinação que a objetividade dessas técnicas implica para a forma intra-artística, mas também sem respeitar a lei formal da autonomia estética. (COHN, 1971, p. 289).

Essa externalização de alguma forma tenta isentar a responsabilidade do uso dessas técnicas na formação de consciência de seus consumidores. Esta é a crítica mais relevante dentro das correntes teóricas a respeito da cultura e comunicação. Este estudo coloca em questão a qualidade, a veracidade e a superficialidade dentro das produções culturais que são eliminadas e condenadas pela sociologia da comunicação. (COHN, 1971).

A relevância e proximidade de cada produção com o consumidor não garante sua posição, a vulgarização da arte não deve ser reconhecida como contribuição

sociocultural. A produção cultural contemporânea esta alicerçada em “futilidades” públicas, que servem como um amparo, um auxílio para a sociedade que consome compulsivamente a mídia de massa, com espetáculos televisionados e exibidos em séries, horóscopos e correios sentimentais produzidos em grande escala, que são propriamente ditas “inofensivas” pelos defensores do *mass media*, porém pré-estipuladas por atender uma demanda, mas que a se consumido em longo prazo, desestimulam o senso crítico do consumidor. (COHN, 1971).

A cultura em si deveria instigar o senso crítico através de suas produções, o estímulo a um raciocínio mais técnico e ao mesmo tempo espiritualizado.

Sabemos, dizem eles, o que vem a ser esses romances de folhetins, filmes de confecção, espetáculos televisionados dirigidos as famílias e diluídos em séries de emissões, e o que há de alarde de variedades, de rubricas de horóscopo e de correio sentimental. Mas tudo isso é inofensivo e além do mais democrático, porque obedece a uma demanda, é verdade que pré estipulada. Demais, tudo isso produz toda sorte de benefícios; por exemplo, pela difusão de informação e de conselhos, e de padrões aliviadores de tensão. Ora, essas informações são certamente pobres ou insignificantes, como prova todo estudo sociológico sobre algo tão elementar como o nível de informação política, e os conselhos que surgem das manifestações da indústria cultural são simples futilidades, ou pior ainda; os padrões de comportamento são desavergonhadamente conformistas. (COHN, 1971, p. 291).

Este conformismo é ocasionado pela suposta satisfação, ou seja, desde que o produto atenda mesmo que superficialmente algum interesse ou até mesmo alguma lacuna pessoal, este será bem-aceito mesmo que não tenha relevância social alguma. Como foi citado, o individualismo garante, de certa forma, a comercialização da indústria cultural. A respeito dessa crítica, seus representantes alegam que o espírito da indústria cultural criou-se uma ideologia que orienta seus consumidores, e, por isso, já é aceitável. A consciência passa a ser substituída pelo conformismo, submetendo o indivíduo a uma mensagem superficial, apresentando-lhes uma maneira equivocada os conflitos que devem se difundir com os seus, e mesmo que incompatível com seus interesses o consumidor dessa indústria cultural, fica condicionado a suprir os interesses dessa indústria, ou seja, a indústria cultural de certa forma induz o comportamento do público através das técnicas de comercialização de seus produtos. (COHN, 1971).

Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia

salvaguardar e desabrochar senão através dos homens não tutelados. (COHN, 1971, p. 295).

De acordo com essa perspectiva, fica evidente a influência exercida pela Indústria Cultural sobre seu público e os impactos que esta intervenção causa no comportamento dos mesmos. A técnica utilizada pela Indústria sobre seus consumidores utiliza-se do recurso da comunicação humana e sua significação humana para poder ter um alcance de persuasão maior. Passamos até aqui por diversos elementos que constitui o processo comunicacional como a linguagem, significação, mensagem, sentido até chegarmos a conceituação e definição de comunicação, para entendermos como o processo comunicacional atua no fenômeno cultural.

4. COMUNICAÇÃO

O ser humano necessita da comunicação para a sobrevivência, necessita receber e transmitir informação conhecimento para que se estabeleça o que conhecemos hoje por sociedade, é através dela que sobrevivemos. (PATERNOSTRO, 2006).

Em qualquer momento da história da civilização humana, podemos perceber o uso da comunicação das mais variadas formas de expressão, desde então o homem se empenha em aperfeiçoar esta relação entre comunicador e receptor. O primeiro avanço se deu por conta da linguagem oral, que permitiu a perpetuação de um período histórico na sociedade. Depois, a Linguagem passou a ter seu som codificado em símbolos, que mais tarde se tornaria o alfabeto. (PATERNOSTRO, 2006).

Na antiga mesopotâmia, os Suméricos foram os responsáveis por criar o primeiro sistema de escrita conhecida como cuneiforme. Mais tarde, os egípcios, chineses, maias e astecas desenvolveram também seu próprio sistema de escrita. Essa evolução permitiu a saída do homem do período da pré-história para a História. Logo outra revolução afetaria a vida do homem, a descoberta da prensa na Europa, em 1455, pelo alemão Johannes Gutenberg, foi o primeiro sistema de impressão tipográfica da do Ocidente. O livro impresso teve grande impacto na transformação do homem e suas relações, a escrita em massa daria início a uma nova era. Gutenberg possibilitou a acessibilidade à informação devido a impressão da palavra escrita em massa, o que fomentou a formação de bibliotecas que impulsionam o conhecimento. (PATERNOSTRO, 2006).

Da prensa também nasceu o primeiro jornal com tiragem regular, o Relation, em 1609, em Estrasburgo, porém ainda elitizado e consumido apenas pelos burgueses. A Revolução Industrial do século XVIII que trouxe consigo grandes benefícios à comunicação, como a redução de custos dos jornais devido as novas tecnologias, tornando ainda mais acessível a informação e também o surgimento das primeiras agências de notícias. (PATERNOSTRO, 2006).

Todas as tecnologias criadas para a comunicação foram de grande importância para história, e entre elas está a criação de Samuel Morse, em 1844, que proporcionou a primeira ferramenta que traria velocidade ao informar, e tornaria

o mundo “pequeno” com a criação do telégrafo. Era a informação atravessando continentes velozmente, um grande marco para a comunicação. Acompanhamos até aqui o processo comunicacional historicamente dentro da história da humanidade até chegarmos ao que conhecemos hoje por comunicação. Trataremos a seguir da comunicação etimologicamente e conceitualmente para análise deste objeto de estudo. (PATERNOSTRO, 2006).

A palavra comunicação tem o seu conceito resumido em compartilhar. Seria a troca de informação entre o emissor e o receptor que resulta no ato de comunicar. Não se pode definir como uma ação humana, nem um comportamento, nem um objeto ou coisas, apesar de muitas vezes significá-las. A comunicação é um dos processos humanos de suma importância para a evolução. Todo o progresso e tudo que se estabelece dentro dessa comunidade é resultado da comunicação. (COHN, 1971).

A palavra comunicação tem origem latina e sua decomposição resulta na evidência de três elementos importantes que configuram sua conceituação, como uma experiência de compartilhamento. A primeira é “a raiz *munis*, que significa ‘estar encarregado de’, que acrescido do prefixo *co*, que expressa simultaneidade e “[...] comum + ação, de onde vem o significado ‘ação em comum’ [...]” e conclui que o termo se refere ao processo de “[...] compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências”. (CARRASCO, 2015, p.36).

O termo vem do latim *communicatio*, do qual distinguimos três elementos: a raiz *munis*, que significa ‘estar encarregado de’, que acrescido do prefixo *co*, que expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma ‘atividade realizada conjuntamente’, e a terminação *tio*, que por sua vez reforça a ideia de atividade. (MARTINO, 2011, p. 12-13). Decompondo-se se tem “comum + ação, de onde vem o significado ‘ação em comum’” e conclui que o termo se refere ao processo de “compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências” (idem. 14-15) [...] Eduardo Duarte (2003, p. 42-43) também destaca a etimologia para a compreensão do termo. Segundo ele, a palavra comunicação é derivada da palavra latina *communis*, da qual surge o termo comum em nosso idioma. *Communis* quer dizer pertencente a todos ou a 37 muitos. Dessa mesma a raiz latina surge a palavra *comunicare*, origem de comungar e comunicar. Num novo desdobramento dessa raiz, ainda no latim, chegamos a *communicationis* que indica a ideia de tornar comum. Desdobrando um pouco mais a palavra comunicação temos junto a ideia de tornar comum que deriva de *communis*, o sufixo latino *ica* que indica estar em relação e o sufixo *ção* que indica a ação. (DUARTE, 2003 apud CARRASCO, 2015, p.36).

Sob esta conceituação do autor, podemos concluir que a comunicação é constituída de variados elementos comunicativos que estabelecem a mensagem,

linguagem, significação e, por fim, resulta na comunicação. Esta comunicação é o que constitui todo o processo de relações humanas em sociedade, a comunicação seria um mediador entre indivíduos e sociedade, no entanto, não há uma concordância de conceitos, pois ela se desenvolve de maneiras diferentes em cada processo e funções. (MELO, 1978).

Para Melo (1978), existem sociedades policulturais, ou seja, variados tipos de cultura, como cultura religiosa, de massa, nacional, clássica que são interdependentes, se mantêm dentro de um grupo. Sua particularidade proporciona o dinamismo das sociedades contemporâneas.

A interdependência dessas variadas culturas dentro de uma sociedade sem perder sua essência e desfigurar-se deve ao fenômeno da comunicação, que permite que esses grupos se comuniquem e achem um segmento em comum que permite uma troca de experiências de vidas, culturas e ideologias, que acaba se difundindo em outros grupos, agregando, interagindo ou originando novas culturas. Desse modo, a comunicação na evolução humana exerce papel fundamental como processo social básico. (MELO, 1978).

É através da comunicação que as gerações mais velhas transmitem as gerações mais novas o seu acervo de experiências, os símbolos, as normas, os mitos acumulados. E através da comunicação que os indivíduos de uma mesma geração transmitem ao demais as suas descobertas, as inovações que vão adaptando uma determinada cultura as condições e as exigências da sociedade em sua marcha evolutiva. Em outras palavras, a comunicação é o instrumento que assegura efetivamente a sobrevivência e a continuidade de uma cultura no tempo promovendo inclusive a transformação dos seus símbolos em face aos novos fenômenos criados pelo desenvolvimento. (MELO, 1978, p. 111).

Partindo da perspectiva de Martino (2011), considera-se que o conceito de comunicação não pode se limitar a “conjugação” o verbo compartilhar, não se limita a ação do homem e não pode ser objetificada, definida em coisas ou pessoas. Ele define como uma ação intencional exercida sobre o outro, que exprime a relação entre consciências.

A mensagem ou informação não é necessariamente comunicação se o receptor não compreendê-la como tal, ou seja, a mensagem para um analfabeto ou para alguém que não domine o idioma utilizado na mensagem não terá competência técnica para absorvê-la enquanto ação comunicadora. Para tal terá significado apenas o objeto materializado. (MARTINO, 2011).

O que não pode ser definido como comunicação, já que são apenas bases para se compor a mensagem, porém não se comunicam por si só. Sendo assim, a mensagem ou informação não efetivamente comunicação, é necessário que haja esta interação do emissor com o receptor para que se estabeleça a comunicação. É preciso “resgatar” o código da mensagem através de uma leitura, interpretação, da decodificação do material para reconstituir a mensagem o que reforça a ideia de relação entre as consciências. Uma vez que uma consciência é transmitida a um suporte material, é essencial que outra consciência resgate sua mensagem para que enfim se torne comunicação. Desse modo, pesquisadores consideram que a ciência da comunicação não pode ser definida como uma disciplina e sim como uma síntese que agrega diversos saberes. (MARTINO, 2011).

Voltando à conceituação de cultura, pode-se afirmar que cultura já implica no processo de comunicação por se tratar da transmissão de um patrimônio de geração para geração, é possível considerar que todo humano é um ser da comunicação. (MARTINO, 2011).

Mas afirmar o homem como um ser simbólico é afirmar um ser que somente se deixa apreender nas relações que estabelece com seus semelhantes. Em outras palavras, o ser humano é um ser da comunicação: Consigo (subjetividade) e com o mundo, ambos entendidos como produto da comunicação com outrem, pois assim como a subjetividade não é um dado natural, as coisas não se apresentam ao ser humano de forma direta, mas são construídas graças a mediação do desejo, conhecimento ou reconhecimento de outrem. (MARTINO, 2011, p. 23).

Todavia, pode-se definir a comunicação como uma ciência, um saber, mas também como o termo que designa uma série de saberes que são transmitidos através de suportes. (MARTINO, 2011).

Desse modo, conclui-se que a comunicação não pode ser definida como apenas ações humanas ou objetos e que suas vertentes e dimensões não perdem a especificidade da sua essência ao longo do processo comunicacional. Sendo assim, a comunicação é a ciência que abrange o ser humano, agregando diversos saberes através do processo comunicacional, que resulta simplesmente em todo o processo e evolução societária humana. (MARTINO, 2011).

Assim, é possível afirmar que a comunicação provoca profunda transformação no ser humano, conseqüentemente modifica a sociedade e suas ideologias, diminui distâncias com a forma que pode ser agora reportada com as

novas tecnologias, de certo é eficiente quando todos convergem ao encontro de uma nova era (PATERNOSTRO, 2006).

4.1. JORNALISMO

Jornalismo é a técnica de apuração, selecionar e difundir ideias de forma clara, concisa e coesa, ou seja, fundada na veracidade dos fatos. Grosseiramente falando, o jornalismo deve ser um espelho da realidade. O jornalismo é um campo da ciência muito amplo para ser definido e dessa forma limitado. Entre suas várias definições, a que mais prevalece é a de uma prestação de serviço à sociedade, ou seja, um serviço público que interfere diretamente o modo de pensar e agir de uma população. A função de fazer jornalismo condiciona seus profissionais ao “poder”, por serem participantes ativos na construção da notícia, que implica na realidade dos fatos apresentados ao público. (TRAQUINA, 2005).

Como já foi sugerido, a nossa proposta teórica reconhece que o trabalho jornalístico é altamente condicionado, mas também reconhece que o jornalismo, devido a sua “autonomia relativa”, tem “poder”, e, por consequência, os seus profissionais têm poder. Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência na construção da realidade. (TRAQUINA, 2005, p. 26).

Para Bahia (2009), as instituições jornalísticas devem ser independentes para que possa exercer o seu papel com êxito. Para ele, uma instituição dependente de poderes políticos e econômicos tendem a utilizar manobras obscuras para atender os interesses de instituições secundárias e o próprio interesse financeiro. Todos os meios pelo qual se faz chegar ao público a informação é jornalismo, e sob esta perspectiva entende-se que o jornalismo como profissão caracteriza-se na prestação de serviço à sociedade e consequentemente idealiza uma indústria, o jornalismo como comércio. Mesmo assim, a sua essência ainda se persevera na significância social e não econômica.

O Jornalismo serve melhor a verdade sendo ao menos veraz. E para sê-lo, deve buscar incessantemente todos os ângulos de uma notícia, de uma entrevista ou de uma opinião. Deve partir do princípio de que uma informação tem sempre mais de uma versão. Quanto mais ele questiona a verdade, maior número de versões ele abriga. (BAHIA, 2009, p. 23).

No entanto, é indiscutível que o jornalismo se tornou um grande mercado de notícias que visa prioritariamente o desenvolvimento de instituições jornalísticas

altamente lucrativas. Desse modo o olhar negativo sobre o jornalismo vem do polo econômico que mantém a indústria jornalística, mas que induz a práticas como o sensacionalismo, que tem como objetivo atrair o público pelo “*show business*” ao invés da informação. (TRAQUINA, 2005).

A notícia acaba cedendo espaço para a influência do apresentador, que tem como função fazer do noticiário um verdadeiro “filme de suspense” e isso se agrava quando a figura do jornalista passa a ser popular e admirada pelo público por várias questões que não estão agregadas ao jornalismo, e esse profissional passa a ser uma “celebridade”, a notícia então passa a ser apenas um adendo do noticiário que tem como “atração” principal o apresentador, conhecido no jargão jornalístico como âncora. (TRAQUINA, 2005).

No entanto, tal como os jornalistas desenvolveram a sua ideologia profissional em consonância com a teoria democrática e inspirados por ela, concomitantemente, mesmo antes do século XIX, o jornalismo tem sido um negócio e as notícias uma mercadoria que tem alimentado o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas. (TRAQUINA, 2005, p. 27).

Contudo, ainda deve ter o zelo pela veracidade dos fatos. A verdade jornalística não é única, nem definitiva, é apenas uma parcela ou versão real de um fato. Há uma tarefa mais ampla do que jornalismo exposto nos diários, embora expresse e reproduza uma visão burguesa do mundo, o jornalismo é uma forma de conhecimento social que em sua potência e dimensão histórica ultrapassa a mera funcionalidade do capitalismo. Seguindo estas perspectivas, pode-se, então, concluir que o jornalismo tem como responsabilidade trazer todas as versões ou o máximo possível de versões de um fato para que seja veraz, exercendo a sua função de informar sem parcialidades, para instigar o senso crítico do público, e assim o mesmo chegar as próprias conclusões sobre os acontecimentos. (GENRO FILHO, 2012).

No conceito amplo, que os críticos chamam de neutro, jornalismo é atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar. O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos (verdade, aí, é a adequação perfeita do enunciado aos fatos, *adaequatio intellectus ad rem*) e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas,

coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis. (LAGE, 2014, p. 21).

Para essa construção o jornalismo enquanto profissão utiliza-se de técnicas específicas para informar os fatos, específicas, porém mutáveis de acordo com o tempo e cultura. Essa prática não muda de um local para outro, porém se desenvolvem com características semelhantes e são usadas como ferramentas dentro da rotina de um veículo de comunicação. Essas técnicas também podem variar de acordo com os princípios dessa instituição, mas de modo algum devem afetar o compromisso do jornalismo com a sociedade. De acordo com Tavares (2007), a notícia é resultado de uma matéria prima atribuída à percepção, seleção e averiguação que resulta em um produto consumível pelo público, ou seja, a notícia é resultado de um processo árduo de “lapidação”.

Sob essa perspectiva, nas palavras de Sousa (2002, p. 13): “[...] a notícia constitui-se como um conjunto de artefatos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e resultam de um processo de produção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores [...]”.

Tais fatores, segundo o autor, atuariam como variáveis de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, história e física (tecnológica), sendo incorporados e difundidos pelos diferentes meios de comunicação. (SOUSA, 2002).

Mas há uma visão contrária da tratada até agora, segundo o mesmo, Ricardo Cardet criticava este modelo de jornalismo. Para Cardet (1980 apud GENRO FILHO, 2012), o modelo proposto para se fazer jornalismo brasileiro sofre influências do modo de produção jornalística Norte Americana, e o jornalista passa a ser um ser neutro, como se a notícia fossem pré-existentes. Ele acredita que cobrar a honestidade do jornalismo é como pôr a “mão no fogo” pelo caráter de alguém. (GENRO FILHO, 2012).

4.2. JORNALISMO ESPECIALIZADO

O especialista é o profissional responsável por conhecer com especificidade uma determinada área de uma ciência ou arte. A graduação comum não denomina como especialista. Para que isso ocorra, é preciso fazer uma pós-graduação na área correlacionada à área no qual pretende se especializar. Essa especificidade estreita de certa forma os laços com a mídia de massa, porém tem a funcionalidade de ser

muito mais inclusivo por ter a abertura para tratar de assuntos de um determinado grupo dentro de uma sociedade com mais “proximidade” e técnica.

Abiahy (2005) aponta que segmentação no jornalismo veio atribuída as divergências de interesses na atualidade que gera indiretamente a fragmentação da população em “tribos” dentro da sociedade. Cada nicho se interessa quase que especificadamente por um assunto e subtemas relacionados pelo mesmo. O individualismo tornou-se um aliado ao engajamento grupal, ou seja, você precisa estar bem informado sobre os assuntos e particularidades daquele grupo pelo qual se interessa para poder fazer parte dele.

A indústria jornalística passa a seguir o modelo econômico imposto pelo capitalismo e entender essa especificidade, o que fortalece um mercado cada vez mais segmentado, que exige com mais rigor uma especialização. Nota-se que tudo hoje em dia é subdividido em categorias, para que cada vez mais o público-alvo se interesse e consuma sempre excessivamente. (ABIAHY, 2005).

Um exemplo bem comum dessa segmentação, por exemplo, é a indústria de produtos *fitness*. Antigamente existiam produtos light e diet dentro deste segmento, hoje pode-se achar em qualquer supermercado produtos com uma infinidade de variações da linha saudável como produtos light, diet, zero lactose, zero glúten, produtos para vegetarianos e veganos, além de uma infinidade de subcategorias dentro de cada seguimento. (ABIAHY, 2005).

Devido a profissionalização do jornalismo e conseqüentemente sua industrialização, transformando-se em um comércio de notícias, é preciso que o “fazer” jornalismo atenda as tendências do mercado e traga para a notícia essa especificidade, a fim de atender a demanda do público que se interessa por cada uma dessas segmentações, sem perder a sua essência de informar e atribuir ao jornalismo a sua função enquanto fonte de conhecimento. Para conhecer, é preciso se aprofundar e o jornalismo especializado é o responsável por priorizar esta relação de proximidade com o público.

Na realidade a escolha de um assunto que interessa a toda comunidade parece cada vez mais difícil de se fazer. A sensação que temos é que o espaço de debate tornou-se reduzido, ou melhor, o interesse pelo debate é que tem diminuído a tal ponto que as pessoas parecem não se envolver mais, a opinião pública vem sendo substituída pela pesquisa de mercado. Cada grupo tem seus interesses pessoais, e até grandes acontecimentos quando focados pela mídia são rapidamente considerados ultrapassados. Tudo isso confirma as teses de distanciamento do indivíduo com seu tempo

histórico e da desconfiança nas ideologias. Nesse estágio em que as escolhas individuais prevalecem sobre o engajamento com a coletividade, faz sentido que a informação procure atender às especificidades ao se dirigir aos públicos diferenciados. É neste panorama que o perfil do jornalista sofre alterações, as publicações passam a dedicar-se mais a informação personalizada, portanto o jornalismo especializado tende a se desenvolver cada vez mais. (ABIAHY, 2005, p. 5).

Com o advento da internet, a globalização passou a tomar forma. A informação segue o fluxo da principal ferramenta de comunicar da atualidade e com constância modifica o modo de se fazer e produzir informação, não apenas na internet, mas também em outros meios de veiculação que sentem a necessidade de se adequar ao mercado. Esta fluidez condiciona o profissional de jornalismo a mesma instantaneidade da rede, que busca de forma ágil e abundante atender as necessidades do público. A profissionalização do jornalismo gera conseqüentemente uma busca por evolução, considerando que as novas tecnologias e o modo como impactam na função e produção do jornalismo tendem a exigir do profissional além da profissionalização comum, uma busca por conhecimento especializado. (ABIAHY, 2005).

4.3. JORNALISMO CULTURAL

Uma das vertentes da especialização jornalística é o jornalismo cultural, que tem como objetivo informar e de certa forma entreter ao mesmo tempo, gerando conhecimento com “lazer”. Não se sabe ao certo quando este gênero jornalístico teve origem. (PIZA, 2003).

Em 1711, o jornalismo apresentava sinais de especificidade a assuntos relacionados à cultura, seriam princípios de uma nova modalidade jornalística. Joseph Addison e Richard Stile foram os primeiros a investir no jornalismo cultural e fundaram a revista diária “The Spectator”. A revista tratava de assuntos ligados à cultura como livros, óperas, festivais de músicas, teatro e costumes. O público-alvo eram homens modernos, porque se interessavam por este tipo de assunto e a proposta da revista se consistia em divertir e informar ao mesmo tempo. (PIZA, 2003).

Nascia um gênero filho do ensaísmo humanista que ajudou a dar à luz o movimento iluminista no século XVIII. O jornalismo cultural nasceu do intuito de se

dedicar a novas ideias, valores e arte, quando as máquinas começam a transformar o jornalismo em comércio. (PIZA, 2003).

No Brasil, o jornalismo cultural passou a ser influente apenas no final do século XIX, que originou o maior escritor nacional Machado de Assis. O escritor deu início a sua carreira fazendo críticas de teatro e polemista literário. Outro fruto do jornalismo cultural é o crítico, ensaísta e historiador da literatura José Veríssimo, assim como Sílvio Romero e Araripe Jr. (PIZA, 2003).

Até o fim do século XX, o jornalismo cultural passou a se reinventar e agregou a reportagem, entrevistas e uma crítica de arte mais dinâmica e interativa. Outro fator que contribuiu de forma fundamental para o jornalismo cultural foram as revistas que traziam em seu conteúdo tabloides literários. No Brasil, a revista Klaxon, foi uma das principais no segmento. Logo nasceria a revista Cruzeiro, que na época se tornou a mais importante do país por sua facilidade de falar com todos os tipos de público. (PIZA, 2003).

Atualmente o jornalismo vive crises de identidade, inconstâncias que resultam em crises frequentes, conseqüentemente não exerce a sua função com eficácia, essa crise pode ser ainda resultado das condições a qual o gênero tem sido submetido. “O jornalismo cultural pode sofrer crises de identidade frequentes, e é bom que sofra - até porque, como na arte, a condição moderna é “crítica”, isto é, envolve sinais de crise, é instável, cíclica, plural -, mas as dicotomias fáceis só lhe têm feito mal. (PIZA, 2003, p. 45).

Para muitos jornalistas, o jornalismo cultural é uma maneira de unir o “útil ao agradável”, é falar sobre o que gosta e ainda ganhar dinheiro com isso. Quem exerce o jornalismo cultural precisa amar esta vertente que o jornalismo nos propõe, por ser considerado por jornalistas de outras especialidades algo fácil de se fazer e muitas vezes dispensável, quem escolhe falar de cultura tem que estar preparado para as críticas que o gênero recebe em si. (ASSIS, 2008).

Mas não só recebe como também tem como responsabilidade fazer críticas fundamentadas sobre seus produtos, buscando estabelecer o equilíbrio entre a fundamentação embasada e o julgamento pessoal pelo menos é assim que deveria funcionar. O crítico deve distanciar ao máximo sua visão de mundo e considerar o conhecimento adquirido naquela ciência na hora de expor a sua crítica. No entanto, o jornalismo cultural contemporâneo esta acometido a realizar breves sinopses dos produtos oferecidos pela indústria cultural. O profissional desse gênero necessita

mais que uma graduação no jornalismo, exige o conhecimento e a compreensão das artes e fenômenos culturais, para que possa exercer com propriedade e credibilidade a função de fazer jornalismo. (ASSIS, 2008).

Contudo, pode-se concluir a partir dessa perspectiva que o crítico é um mediador entre o público de massa e a obra, e traz suas contribuições qualificadas para tratar da mesma.

4.3.1. O crítico musical

É perceptível que os “gostos” pessoais são discutidos entre a sociedade e pouco compreendido por esse público. O repertório de cada indivíduo implica criteriosamente na sua visão de mundo e conseqüentemente nas suas escolhas musicais. Sendo assim, cada ser humano tem um motivo em particular para gostar ou não de algum gênero musical. (SANTOS, 2015).

Este “gosto” pode advir da cultivação de gênero musical dentro de um ambiente familiar, até a interação da música com alguns momentos importantes da vida. O fato é que todos preferem um estilo ao outro. A questão é que na maioria das vezes se denomina como “ruim” ao que não fomos ensinados a gostar e acabamos por não ter interesse em conhecer o mesmo e conseqüentemente na maioria das vezes não respeitar quem gosta. (SANTOS, 2015).

É nesta etapa que o crítico musical se torna algo importante dentro do cenário do jornalismo cultural. Ele é o responsável por criar o caminho da compreensão ou, pelo menos, próximo disso, entre a obra do autor e sua visão de mundo e o público, gerando conteúdo qualificado e profissional, que deve estar fora dos julgamentos pessoais do profissional, que deve realizar esta análise de forma impessoal e profissional usando o repertório adquirido na área da ciência a qual escolheu tratar, ou seja, deve impor apenas seu conhecimento específico sobre determinado assunto. (SANTOS, 2015).

O discurso crítico nasce a partir da observação criteriosa da obra, mas segue um caminho independente. A interpretação que o crítico expõe em seu texto reflete a sua experiência e perspectiva que pode até diferir das percepções do artista ou do leitor. Nessa hipótese, podemos afirmar que, ao ser criticada, a obra musical é colocada em crise, e a opinião crítica gerada se torna um produto autônomo e sujeito à retaliação do artista ou do público. (SANTOS, 2015, p. 7).

Uma crítica a determinada obra pode influenciar a interpretação do público, até mesmo porque é oriunda de um profissional qualificado no assunto. O jornalista cultural deve se atentar para as “quebras de padrões” que geralmente são introduzidas em obras suas obras pelo autor propositalmente, de acordo com o conhecimento do artista. Muitas vezes, se não lhe é dada a atenção necessária na obra, pode parecer descuido do autor determinadas quebras de paradigmas, por isto é importante que o crítico musical esteja devidamente atento e preparado profissionalmente na hora produzir uma crítica, justamente para não colocar em risco a sua credibilidade como especialista do assunto tratado. Mesmo com todos esses cuidados, é normal que uma crítica não seja bem-aceita pelo autor da obra e pelo seu público, caso não corresponda às expectativas do mesmo.

Ridicularizar os críticos pernósticos, apontando seu desconhecimento da obra que estão a comentar, é bem diferente de, em nome da luta contra o pernóstico, adotar a postura militante e agressiva em favor da própria ignorância, no gênero do ‘não estou entendendo nada, logo não há nada o que entender’. Nesse caso, o silêncio seria a atitude mais indicada. É aqui que o ímpeto populista, ou mesmo democratizante, do crítico conservador se aproxima rapidamente da demagogia, do antiintelectualismo e do fascismo. [...] Tudo o que for dito enquanto provocação, enquanto busca do escândalo, enquanto ato de ruptura, funciona não pelo conteúdo do que está sendo dito, mas pelo gesto que está sendo realizado. [...] O trabalho de um crítico ou jornalista cultural não se esgota nesse tipo de polêmica. A tentativa de entender de explicar, de criticar verdadeiramente uma obra ou um movimento, é bem diversa, exigindo em geral o fôlego mais amplo do ensaio. (COELHO, 2006 apud SANTOS, 2015, p. 8).

Desse modo, fica evidente que o profissional de jornalismo cultural não deve se apegar às reações do artista ou dos fãs. Por mais positiva que seja a crítica, sempre haverá algum indivíduo com opinião contrária a fim de debater a sua visão sobre a obra como única verdade.

Este tipo de comportamento se torna mais frequente com a utilização das novas tecnologias, como a internet, que por sua vez funciona como uma ferramenta que dá voz ao público de forma igualitária, possibilitando que cada usuário exponha sua opinião sobre determinado assunto. Porém, este tipo de “críticos da internet” geralmente não têm competência técnica para tratar sobre o assunto como um especialista, embasa-se apenas na sua visão de mundo a respeito do seu repertório pessoal. Apesar de ser uma potencialidade para a cultura a internet, atende ao mercado capitalista e por isso não pode cumprir a sua promessa cultural, embora forneça as condições objetivas para que seja implementada. (GENRO FILHO, 2012).

Contudo, observa-se que além da competência profissional, é necessário que o profissional do jornalismo cultural esteja preparado para lidar com diferentes obras culturais, tratando-as de forma mais impessoal possível, para que não instigue nenhum tipo de preconceito ou informações equivocadas a respeito da obra, uma vez que se pararmos para analisar não só a credibilidade do jornalista está em jogo, mas também a carreira de pessoas que se doaram à arte e também possuem conhecimento sobre o mesmo. O profissional deve se atentar a excentricidade de cada artista, de cada obra e entender que a arte é uma forma de expressão pessoal, que carrega em si o repertório de vida de um artista que possui o próprio modo de enxergar a vida e compreende-se que seja muito difícil “julgar” algo desta dimensão. Por isto deve-se aplicar o máximo possível de técnica para qualificar uma obra.

O jornalismo que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais, desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos, sem parciaisidades política. Por outro lado, como a função jornalística é selecionar aquilo que reporta (editar, hierarquizar, comentar, analisar), influir sobre os critérios de escolha dos leitores, fornecer elementos e argumentos para sua opinião, a imprensa cultural tem o dever do senso crítico, da avaliação de cada obra cultural e das tendências que o mercado valoriza por seus interesses, e o dever de olhar para as induções simbólicas e morais que o cidadão recebe. (PIZA, 2003, p. 45).

Dessa forma, a cultura torna-se, então, um produto dentro da indústria cultural, e o jornalismo especializado, mais especificamente o cultural, por sua vez, torna-se cada vez mais segmentado e acaba por ser um produto derivado dessa indústria. Mesmo pertencente ao regime capitalista e sendo assim um produto de comercialização, o jornalismo cultural consegue, com êxito, difundir culturas com informação apesar dos fins lucrativos.

Parte-se, agora, para a contextualização da televisão, que, mesmo com o avanço da internet, ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros, segundo o maior levantamento sobre os hábitos de informação dos brasileiros, a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015”, encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) para compreender como o brasileiro se informa. Segundo a pesquisa, 95% dos 18 mil entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente. Em média, os brasileiros passam 4h31 por dia expostos ao televisor, de 2ª a 6ª-feira, e 4h14 nos finais de semana, números superiores aos da pesquisa do ano anterior, que

eram 3h29 e 3h32, respectivamente (BRASIL, 2014). Serão apresentados no capítulo seguinte, aspectos referentes à história da TV e questões técnicas sobre este meio.

5. HISTÓRIA DA TELEVISÃO

A televisão foi criada através da contribuição científica de diversos pesquisadores. As descobertas eram integradas umas às outras e no século XIX tomou um ritmo acelerado. A primeira contribuição é atribuída ao químico sueco Jakob Berzelius, em 1817, que descobriu que a luz modifica a capacidade do elemento selênio, ou seja, descobriu novas formas de utilizar a energia elétrica. (PATERNOSTRO, 2006).

Samuel Morse foi o que fez uma das maiores descobertas para se chegar até a criação da televisão. Em 1838, o pesquisador americano criou o telégrafo, que enviava mensagem através de fios usando um código de sinais, que fora reconhecido internacionalmente pela agilidade e inovação do processo. (PATERNOSTRO, 2006).

Joseph May, irlandês telegrafista, foi o responsável por fazer melhorias no telégrafo, quando inventou uma resistência que transmitia impulsos elétricos através da exposição à luz, o que deu início a pesquisas da fotoelétrica, que seria uma das principais chaves para o sistema de transmissão da televisão. (PATERNOSTRO, 2006).

Em 1879, Thomas Edison, de Nova Jersey, inovou com a criação de uma lâmpada incandescente e simples que mais tarde resultaria em válvulas para a televisão. Um inventor francês, em 1880, Maurice Le Blanc, criou a projeção de imagem, que passadas sucessivamente davam impressão de movimento, claro que esta descoberta também foi muito importante na busca pela transmissão de imagem. (PATERNOSTRO, 2006).

Paul Nipkow, estudante alemão, criou o transmissor que fazia a varredura dos pontos, resultando na transmissão de formas. Em 1884, outra descoberta de suma importância na busca pela transmissão de imagem, Heinrich Hertz comprova a existência das ondas eletromagnéticas e descobre uma forma de medi-las, o que conhecemos hoje por “Ondas Hertzianas”. A partir desta comprovação, em 1901, o italiano Guglielmo Marconi dá início ao rádio. Ele construiu um aparelho que codificava ondas em sinais elétricos, que resultava na transmissão de mensagens sem fio, apenas com antenas receptoras. (PATERNOSTRO, 2006).

Na União Soviética, em 1901, Boris Rosing pesquisa tubos de imagem, mas o americano Charles Jenkins, em 1920, é que consegue a primeira captação e

transmissão de imagem através de um disco perfurado, feito conseguido também pelo inglês John Lodgie Baird. Em 1923, Vladimir Zworykin, russo naturalizado americano, inventa o iconoscópio, que fazia uma varredura eletrônica da imagem, e mais tarde conseguiria transmitir em até 45 km de distância, se tornando a base para a TV. No mesmo ano John Baird fez uma demonstração de transmissão de imagem na Inglaterra. (PATERNOSTRO, 2006).

Em 1931, a Radio Corporation of América RCA já tem sua antena e estúdio da National Broadcasting Coporation NBC instalados, mais tarde em 1935 a França constrói sua antena na torre Eiffel em Paris. No ano seguinte a Inglaterra a BBC transmite a coroação do rei Jorge VI. Em 1939, nos EUA, a NBC transmitiu a inauguração da feira mundial de Nova York, neste ponto a televisão já havia se concretizado, porém de forma precária a transmissão da imagem era deficiente devido ao excesso de luz, e o próprio Vladimir desenvolveu a válvula orthicon, a base de catódicos que adaptados a câmera controlavam a luz e melhoram a qualidade da imagem, em 1940 o sistema já era completamente eletrônico. (PATERNOSTRO, 2006).

No final dos anos 1940, a TV chegou em quase todos os países e se consolidou como meio de comunicação. No de 1953, os técnicos do National Television System Committee desenvolveram o sistema de transmissão de imagem em cores que foi chamado de NTCS.

O iconoscópio nos trouxe a imagem da TV. O desenvolvimento da tecnologia traz, para nossas casas, imagens cada vez mais nítidas e mais velozes, que mexem com nossos sentimentos e com a percepção da aldeia que vivemos. Os registros são vivos, universalizam nossas emoções, se solidificam em nossa memória [...]. (PATERNOSTRO, 2006, p. 27).

A televisão foi sendo aperfeiçoada como meio de comunicação, e a implantação de transmissão via satélite foi mais um grande passo nesta história, em 1962 foi realizada, ainda em fase experimental, a primeira transmissão através de satélite Telstar I entre EUA e Europa. Mais tarde, em 1965, a transmissão via satélite já era efetiva, e a implantação dos satélites de comunicação geoestacionários já era global, o primeiro foi o Early Bird ou Intelsat I, que permitiu a facilidade de acompanhar o que acontece no mundo na comodidade de uma residência. (PATERNOSTRO, 2006).

E, assim, hoje podemos acompanhar tudo que acontece ao redor do mundo. Arriscaria a dizer que a televisão foi um dos precursores da globalização que mais

tarde se fortaleceria com a chegada da internet popularizada e mesmo assim não perdeu o seu posto no Brasil de um dos meios de comunicação mais poderosos, a televisão faz parte do cotidiano do brasileiro e tem uma história marcante na sociedade como veremos a seguir.

5.1. HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA

No Brasil, a televisão passou a ser implantada em fevereiro de 1949, por Assis Chateaubriand, que em parceria com a empresa americana RCA Victor, trouxe mais de 30 toneladas de equipamentos para montar a primeira emissora do país situada na cidade de São Paulo (MATTOS, 2010). A emissora foi batizada de PFR-3 TV-Difusora (PATERNOSTRO, 2006) que, mais tarde, seria conhecida popularmente como TV-Tupi e iniciou suas atividades no canal 3 em 18 de Setembro de 1950, a primeira emissora de televisão da América do Sul. (MATTOS, 2010).

Os estúdios eram precários e o sistema televisivo teve como influência do rádio, que na época era o maior veículo de comunicação do Brasil. De lá foram extraídos os primeiros artistas, técnicos e formatos de programas para o público. No início, foi necessário que Assis Chateaubriand providenciasse 200 aparelhos televisores e que fossem distribuídos em pontos estratégicos da cidade, como bares e lojas. Em 1951, a marca Invictus começa a fabricar os primeiros televisores para comercialização, tornando um pouco mais acessível o contato da televisão com o público, o que contribui para expansão do sistema televisivo brasileiro que no final da década já somava dez emissoras em funcionamento no país. Em 1953, inicia-se a atividade de uma das mais conhecidas emissoras de televisão, a TV Record que ganhou destaque no cenário nacional pelos formatos de programas musicais. (MATTOS, 2010).

A televisão começa a tomar grandes proporções e dá início a TV como um grande comércio. “Os anos 60 consolidam à TV no Brasil. Na disputa pelas verbas publicitárias, ela assume definitivamente, seu caráter comercial: começa a briga pela audiência”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Em 1962, foi instituído o primeiro código brasileiro de telecomunicação, lei nº 4.117, que dava maiores garantias ao setor. Em 1963, outro avanço marca a história da televisão brasileira, é promulgado o decreto que regulamentou a programação ao vivo. Em 1964 o público pode acompanhar o golpe militar que afetaria diretamente

os meios de comunicação de massa. Durante este período a socioeconômica do país foi modificada o crescimento foi centralizado no processo de industrialização, forma-se um tripé de empresas estatais, privadas, nacionais e multinacionais. (MATTOS, 2010).

Os veículos de comunicação de massa foram usados pelo regime para difundir a ideologia do novo governo. Dessa forma, durante o período militar, foram instaladas novas tecnologias como o satélite terrestre para ampliar o sinal da televisão, que passou a ser emitido em todo território nacional. No ano de 1965, é fundada a emissora que se tornaria futuramente umas das mais tradicionais e influentes do país, a TV Globo. (MATTOS, 2010).

Em 1967, foi criado o Ministério da Comunicação que contribuiu para reestruturação do setor das telecomunicações, que agiu beneficentemente, limitando a interferência de instituições privadas sobre os órgão regulamentadores. No mesmo ano, o decreto nº 236/67 definiu que pessoas estrangeiras e jurídicas não poderiam participar de sociedades ou dirigir empresas de radiodifusão e ainda cada instituição só poderia possuir permissão ou concessão para obter no máximo dez emissoras em todo país (MATTOS, 2010).

Em 1972, a televisão brasileira ganharia mais um atrativo tecnológico, a imagem agora passaria a ser colorida. (PATERNOSTRO, 2006).

Entre 1968 e 1979, todos os veículos de comunicação de massa ficaram sob a influência do Ato Institucional nº 5, que dava ao Executivo Federal o poder de censurar e estimular a autocensura, já que o não cumprimento das ordens implicava em punições em forma de multa e suspensões de programas. Porém, neste mesmo período, a televisão ganhou o reforço de novas tecnologias e ampliações que asseguraram o crescimento significativo do sistema televisivo brasileiro (MATTOS, 2010).

Em 20 de Julho de 1969, o mundo pode acompanhar através da televisão em uma transmissão ao vivo o primeiro homem a pisar na lua. (PATERNOSTRO, 2006).

O período de 1964 a 1975 caracteriza-se como sendo a fase em que a televisão abandona a improvisação dos anos cinquenta e adota os padrões de administração norte-americanos, tornando-se cada vez mais profissional. A implantação, na primeira metade da década de setenta, de um esquema empresarial industrial melhor estruturado, facilitou o surgimento de grandes ídolos, adorados por milhares de telespectadores. (MATTOS, 2010, p. 34).

No ano de 1978, a comunicação do país é marcada mais uma vez, mas dessa positivamente com o fim da censura e autocensura com a revogação do Ato Institucional do presidente da época, Ernesto Geisel. Segundo o senso nacional de 1980 55% de uma população de 26,4 milhões de residências já possuíam televisores. Ainda em 1980, o governo cassou as concessões de todas as emissoras da TV-Tupi e dividiu entre o grupo Adolfo Bloch e Sílvio Santos. (MATTOS, 2010).

Esta divisão foi feita em julho de 1980, devido a problemas financeiros a primeira emissora do país TV-Tupi encerra suas atividades devido a cassação do governo. (PATERNOSTRO, 2006).

Em 1981, Sílvio Santos funda o SBT– Sistema Brasileiro de Televisão. Em 5 de outubro de 1988, uma nova Constituição foi formalizada e nela apresenta um texto específico sobre a comunicação no país, como no artigo nº 220, que assegura que a manifestação do pensamento não sofrerá restrição e garante plena liberdade de informação jornalística. O artigo nº 222 liberava aos brasileiros a liberdade de possuir mais empresas de comunicação, que fora restringindo na constituição anterior. Também acabou o favoritismo político, como assegura o artigo nº223, que trata sobre concessões, autorizações e outorgas para a utilização de veículos de rádio e televisão. Em 1989, já eram mais de 20 milhões de televisores em todo território nacional. (MATTOS, 2010).

Nesta época, a televisão já havia se estabelecido no mercado e ganhado maturidade técnica e empresarial e começa a exercer o seu poder como influenciadora. Pode-se observar seu poder através da campanha eleitoral realizada na primeira eleição com voto popular, que resultou na eleição de Fernando Collor de Mello para presidente da república. No Governo de Collor, o Ministério de comunicação passa a ser Secretaria Nacional da Educação e foi integrada ao Ministério da Infraestrutura. (MATTOS, 2010).

Entre 1995 e 1996, o Ministério das comunicações colocou em prática uma série de medidas visando dotar o país de uma infraestrutura e de serviços de comunicações condizentes com as necessidades. No que tange à legislação, houve mudanças na regulamentação vigente, datada ainda do início da década de sessenta, adotando-se critérios concorrenciais na outorga de concessões de serviços de telecomunicações e de rádio difusão. Diversos regulamentos e normas foram editados, tais como a Política Nacional de Satélites. (MATTOS, 2010, p. 43).

No ano de 1998, já estavam em operação seis canais de televisão a cabo, o que ameaçou a audiência da TV aberta que, para se esquivar das concorrentes,

começaram a investir em programas de “baixarias” que carregam alto teor de conotação sexual, obrigando o governo a tomar uma atitude. Em 2000, José Gregori já ocupante do Ministério da Justiça, por meio da portaria nº 796, com 18 artigos, impôs limites às programações nacionais e classificação por faixa etária conciliada com o horário, a fim de resgatar a qualidade da programação televisiva nacional. (MATTOS, 2010).

Os primeiros dez anos da década foi marcado pelo início das novas tecnologias na comunicação que apontavam para a integração da internet e televisão com a tela de plasma que reduziu consideravelmente os tamanhos dos televisores, possibilitando até a acomodação suspensa do mesmo, além da tecnologia com alta definição de imagem. Logo os telefones celulares passaram a ser objeto de desejo dos brasileiros e os avanços tecnológicos do aparelho também afetariam a televisão. (MATTOS, 2010).

O celular primeiro, primeiro, transformou-se em provedor de música e, em seguida, passou a ocupar o patamar que se encontra hoje, com uma nova central de mídia, que além de garantir a portabilidade e receber o sinal de TV, permite o armazenamento de conteúdos. (MATTOS, 2010, p. 48).

Em novembro de 2003, o presidente Luís Inácio Lula da Silva assinou o Decreto nº 4.901 que foi base para a definição do Sistema Brasileiro de Televisão Digital que, entre outras finalidades, tem como objetivo promover a inclusão social, a diversidade cultural do país. Em 2007, a TV Digital foi implantada e os programas passaram a ser produzidos em HDTV, parte do processo de transição do sinal analógico para o digital. Segundo o governo, este sinal, além de ser mais abrangente e com maior qualidade, tem um custo mais baixo. Esta transição também possibilitou a convergência de mídias, o que deve resultar no estabelecimento de novas regras, com um novo marco regulatório para reger a esta integração e interação midiática.

5.2. TELEJORNALISMO

O primeiro telejornal da história da televisão brasileira surgiu um dia após a inauguração da PRF3-TV, em 18 de setembro de 1950, apresentado pelo jornalista Maurício Loureiro Gama. O jornal foi batizado de “Imagens do dia” e relatava todos os acontecimentos do dia com imagens sem edição e não tinha um tempo exato de

exibição. (MELLO, 2009). Seu formato era baseado no rádio, pois era a única referência da época, os textos eram em *off* no estilo radiofônico. Rui Resende pode-se dizer, era quem comandava o jornal. Ele era locutor, redator das notícias e também lia notas sem som. O telejornal entrava no ar entre 21h30 e 22h00 não havia pontualidade para início e nem término. O “Imagens do dia” durou pouco mais de um ano do ar e foi substituído pelo “Telenotícias Panair”. (PATERNOSTRO, 2006).

Três anos depois, em 17 de junho de 1953, nascia o telejornal de maior sucesso da televisão brasileira até então, O Repórter Esso, exibido pela extinta TV-Tupi. O nome era proveniente dos patrocinadores, cada programa recebia o nome do seu investidor, a direção e apresentação do telejornal era realizado por Kalil Filho que foi substituído, um ano mais tarde, por Gontijo Teodoro. O programa era exibido em plano americano e entrava às 20h no ar. Um dos marcos do Repórter Esso foi a frase de abertura “Aqui fala seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”, daí se deu início a uma nova era no telejornalismo brasileiro. (PATERNOSTRO, 2006).

Outros jornais marcantes na história do telejornalismo foram o “Edição Extra” apresentado por Maurício Loureiro Gama. Foi o primeiro telejornal no período da manhã e teve o primeiro vídeo repórter do Brasil José Carlos de Moraes. O “Jornal da Vanguarda”, criado pelo jornalista Fernando Barbosa Lima, trouxe um novo formato ao telejornal, dotado de dinamismo com a inserção de vários locutores. No dia 1 de Setembro de 1969, a TV Globo inova ao colocar no ar o “Jornal Nacional”. Com uma equipe coordenada pelos jornalistas Armando Nogueira e Alice Maria, foi o primeiro telejornal a apresentar reportagens em cores e imagens via satélite e o primeiro a ter correspondentes internacionais. E é o telejornal mais antigo até hoje no ar. O “Bom Dia São Paulo”, “Dia Praça”, “TV Mulher” primeiro jornal destinado ao público feminino, “Bom dia Brasil”, “TJ Brasil” primeiro noticiário com a figura do âncora estreado pelo SBT. (PATERNOSTRO, 2006).

O telejornalismo ainda vem inovando a cada dia, devido à alta demanda que internet proporciona, para manter ou atingir novos públicos, como é o caso do próprio “Jornal Nacional”, que teve uma grande mudança na apresentação do telejornal, que o deixou mais dinâmico e conseqüentemente mais atrativo. Para Barbeiro e Lima (2002), as tecnologias na informação são uma nova dimensão a ser explorada e compreendida para que tal seja vencida.

O telejornalismo não é o mesmo na sociedade informacional, e o jornalista tem de se preparar para uma nova época em construção e não em extinção. A era do conhecimento, segundo seus formuladores, é um conceito descendente da Revolução da Informática, da Era da informação e do choque da Terceira Onda que varreu o mundo provocando transformações profundas. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p 41.).

Mesmo com mudanças ocorrendo constantemente por conta dos adventos tecnológicos, o jornalismo deve manter a sua essência, descrever a realidade atual através dos meios de comunicação. Essa descrição também varia de veículo para veículo, de meio para meio, cada um desenvolve suas características específicas, como tratamos da televisão nestes estudos vamos conhecer agora o processo de produção e edição do telejornal. (CRUZ NETO, 2008).

5.2.1. Produção e edição

O telejornalismo é composto por particularidades, é diferenciado, exclusivo e necessita de um aprofundamento maior para a compreensão. Cancio (2005) define o telejornalismo em três componentes básicos, a síntese do texto, a força do áudio e o poder da imagem. O texto usado no telejornalismo também deve atender as suas especificidades. É imprescindível que seja coerente, claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. “O texto do telejornal deve ter uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade”. (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 97).

Todo telejornal passa por um processo de produção para que o material produzido seja veiculado. Cada parte do processo é indispensável e portanto importante dentro do desenvolvimento da produção e vamos estudar cada etapa deste processo (CANCIO, 2005), desde os formatos as características de cada.

Dentro do telejornalismo existem variações de formatos, ou seja, muda a forma como aquele acontecimento deve ser apresentado ao público, para que isto seja definido elementos básicos são necessários nesta construção, no jornalismo conhecemos por critérios de noticiabilidade, que variam de acordo com o interesse e ideologia de cada instituição e localização geográfica. Para conversão do fato em notícia é necessário destacar a veracidade, atualidade, novidade, interesse público e proximidade. (CANCIO, 2005).

A notícia pode ganhar várias definições e com este aglomerado de conceituações pode-se definir que notícia e a narrativa, representação dos fatos, de

tudo que o jornalista decide noticiar a partir daqueles critérios citados anteriormente, ou seja, notícia e a reprodução dos fatos, de forma simples, concisa e coerente. (CANCIO, 2005).

Temos também na construção de um telejornal a entrevista que consiste em perguntas previamente formuladas junto à pauta e resposta dos entrevistados. O documentário que traz o máximo possível de informações a respeito do tema tem duração média de 30 a 50 minutos, como é o caso do “Globo repórter” e “SBT Repórter”. Outro formato bastante utilizado em períodos eleitorais é o debate, que pode ser realizado por mais de um entrevistador e vários entrevistados que discutirão sua opinião sobre determinado tema, um exemplo é a “Mesa Redonda” da TV Gazeta. (SOUZA, 2004).

5.2.2. A Pauta

A pauta é o instrumento utilizado para guiar o repórter ao caminho da angulação da matéria. Antes do repórter de rua sair a campo, é necessário que uma equipe se empenhe em fazer a reportagem acontecer. Quando o repórter e o cinegrafista vão para a rua, tudo tem que estar esquematizado para que esse repórter possa viabilizar a reportagem. É necessário que a equipe marque com as fontes e as confirmem horas antes da realização, e se tenha informações necessárias para o repórter, todas essas funções cabem mais precisamente ao produtor de reportagem. (CRUZ NETO, 2008).

“A produção é a primeira parte da reportagem e significa tornar viável a sugestão de fazer a matéria. O produtor vai elaborar como a matéria deve ser feita. Para isso, é importante que entenda todo o processo do jornal.” (CRUZ NETO, 2008, p. 21).

A figura do produtor deve estar sempre à procura de notícias, estar sempre bem informado, ter agilidade, simpatia e extremamente persuasivo, para convencer suas fontes que o mais importante naquele momento é atendê-lo. (CRUZ NETO, 2008). O planejamento da reportagem realizada pelo produtor não deve se limitar ao cotidiano, deve-se aprofundar para instigar a reflexão dos telespectadores (BARBEIRO; LIMA, 2002).

A principal função do produtor é preparar a pauta, o instrumento que vai orientar o trabalho do repórter. A pauta é definida em uma reunião

específica chamada reunião de pauta. E, como os repórteres não participam diretamente da reunião, então, a pauta deve estar bem clara para que ele saiba que tipo de matéria deve ser realizada. A reunião é realizada, geralmente, com os produtores, chefe de reportagem e/ ou diretor de jornalismo e todas as sugestões são discutidas. Algumas são reprovadas porque, por um motivo ou outro, não vale a pena serem realizadas. Esse motivo é pessoal e, as vezes, momentâneo, o que um dia não vale, no outro pode valer. (CRUZ NETO, 2008, p. 22).

A pauta é dividida em duas partes: o cabeçalho, onde se coloca a retranca (título da pauta), dados das fontes como nome, telefone e endereço, a outra parte é desenvolvimento da pauta, composto pelas informações, angulação e encaminhamento, pode constar ainda as possíveis perguntas aos entrevistados, dados técnicos e sugestões de imagem. Estas informações devem estar muito claras para não atrasar o repórter e conseqüentemente seu deadline, que é tempo máximo que o repórter tem para entregar a matéria para edição. Desde a pauta deve-se ser pensado em como representar o assunto através das imagens que serão coletadas, aí entra o trabalho da produção. (CRUZ NETO, 2008).

5.2.3. Execução

Na rua, a equipe de produção, torna-se uma unidade em busca de alcançar o objetivo. Atualmente é composta por cinegrafista, que também faz a função de motorista, e o repórter. Os dois profissionais precisam andar em sintonia pois a reportagem é um verdadeiro trabalho em equipe, é preciso que se comuniquem constantemente para evitar desencontros entre texto e imagem, desse modo o cinegrafista torna-se a visão do repórter. (CRUZ NETO, 2008).

Os equipamentos também são peças fundamentais neste processo. Câmeras de qualidade, com alta definição da imagem, lapelas, microfones e atualmente pode-se encontrar todo o aparato necessário em uma mochila equipada para transmissões ao vivo com imagem em alta qualidade, chamadas de *mochilink*. (CRUZ NETO, 2008).

A captação da imagem também segue técnicas que precisam ser decididas antes da gravação a composição do cenário implica muito no telejornalismo. As imagens devem ser uma complementação na realização de uma reportagem jornalística para a televisão, o repórter cinematográfico é o responsável por esta harmonização. (CRUZ NETO, 2008).

Algumas técnicas são necessárias para que o repórter cinematográfico contribua positivamente para a realização da matéria, como os que veremos a seguir. Existem dois tipos de movimentos, os mecânicos e os óticos. Existem dois tipos de movimentos mecânicos a Panorâmica que pode ser feito na vertical, na horizontal ou de forma inclinada e o *Travelling* que é realizado com a câmera nas mãos passando a ideia de movimento. (CRUZ NETO, 2008).

Os movimentos óticos por sua vez são dois, o *Zoom-in*, responsável pela aproximação, e o *Zoom-out*, que faz afastamento da imagem. O enquadramento também é uma ferramenta que deve ser explorada no telejornalismo, no qual o uso dos mais comuns são o plano geral, que identifica o ambiente como um todo; o plano médio, que são tomadas realizadas a uma distância média; o plano americano fechado, que filma o repórter da cintura para cima; o plano americano aberto que é a captação da imagem do joelho para cima; o *close* filma da altura do peito para cima; o *big close*, que foca no rosto da pessoa; e o detalhe que é realizado a partir da regra dos 180º graus e tem como objetivo focar em apenas um detalhe, como olho, boca e etc. (CRUZ NETO, 2008).

5.2.4. Edição

Após a execução da pauta, captação da imagem e construção do texto, vem edição, que tem como responsabilidade de decidir o que manter ou excluir na reportagem, fazendo a combinação perfeita de imagem e som.

“Editar uma reportagem para a TV é como montar uma história, e como toda história a edição precisa de uma sequência lógica que pelas características do veículo exige a combinação de imagens e sons”. (BARBEIRO; LIMA, 2009, p. 102).

Depois de coletar material, é necessário que seja passado à ilha de edição, onde toda a filmagem será transferida para o computador para que se inicie a edição. Neste período, o editor de texto monta a matéria já incluindo os *offs* do repórter e vai selecionando as sonoras, nas indicações de entrevistas é feita a inserção correspondente ao *off* anterior, mas que não antecipe o que o repórter vai dizer posteriormente. (CRUZ NETO, 2008).

O entrevistado tem em média 15 segundos, mas é importante que ele conclua seu pensamento, por isto é recomendado que não se faça o corte em alta, ou seja, cortar quando o entrevistado eleva a voz, dando a impressão de que ele teria mais

alguma coisa a dizer. Em seguida a lauda é produzida com os créditos, cabeça e nota pé caso seja necessário. O editor de imagem fica responsável por selecionar imagens correspondentes aos *offs* do repórter. (CRUZ NETO, 2008).

Os editores também devem ficar atentos a erros gramaticais e erros de informação. Caso alguns desses elementos sejam notados devem ser editados. Os editores podem até decidir se uma matéria vai ao ar ou não dependendo da qualidade, mas toda mudança deve ser comunicada ao repórter que coletou os dados. (CRUZ NETO, 2008).

O editor também pode utilizar efeitos para dar um acabamento ou por necessidade. Os mais usados no telejornal são o *slowmotion*, utilizado para reduzir a velocidade da imagem, mais conhecido como o efeito câmera lenta; o *Fast-motion*, que dá efeito de movimentação rápida a pessoa ou imagem; o sombreamento, que é o escurecimento da imagem, utilizado bastante para não mostrar o entrevistado; e o mosaico, que esconde alguma poluição visual no vídeo. (CRUZ NETO, 2008).

Feitas tais considerações, abordar-se-á a seguir, a grande reportagem, gênero escolhido para o produto resultante deste trabalho de conclusão de curso.

6. A GRANDE REPORTAGEM

A reportagem é o gênero jornalístico que narra os acontecimentos dos fatos, narrativa com personagens, ação dramática e descrição dos acontecimentos e do ambiente, que ganha espaço no jornalismo pela sua excelência em narrar com objetividade informativa. A reportagem se caracteriza principalmente pela predominância da narrativa, da humanização da fala, que causa impacto impressionista e a objetividade dos acontecimentos relatados. (SODRÉ; FERRARI, 1986).

A reportagem é caracterizada pela apuração profunda dos fatos, e a decodificação da mensagem, ou seja, a reportagem tende a ser descritiva e conseqüentemente interpretativa. A reportagem visa, além da informação, se encarrega de situar o público dentro do contexto fornecendo dados necessários para que o telespectador forme a sua opinião a respeito do assunto, sendo assim a reportagem tem que abranger todos os lados da história, seria uma análise de causas e conseqüências. (GALVÃO; DENISE, 2009), a reportagem está condicionada a apuração profunda dos fatos e de tudo que o engloba e não a factualidade.

A reportagem não trata de um fato em si ou uma série de fatos, mas trata da complexidade do relato de um episódio, de um levantamento de um assunto que esteja ou não em alta. (LAGE, 2002).

Esta diferenciação entre notícia reportagem nota-se a partir da construção da pauta, a pauta noticiosa indica fatos já ocorridos e dela se espera o desenvolvimento deste acontecimento, que geralmente são escolhidos a partir do interesse público. A reportagem, por sua vez, seria “acessível”, pois há abundância na informação, que podem ser ou não proveniente de algum acontecimento recente e sua pauta desenvolvida a partir de uma linha editorial que fará indicação de como utilizar os dados coletados. (LAGE, 2002).

A pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado (a linha editorial); prever que tipo de ilustrações, e quantas, a reportagem terá; precisar o tempo de apuração, os deslocamentos da equipe, o tamanho e até a linha editorial da matéria. Para tudo isso, é preciso dispor de dados. (LAGE, 2002, p. 55).

A reportagem é flexível na sua abordagem, varia de acordo com o veículo, o tema e o público alvo. Pode-se humanizar a narração ou simplesmente transmitir a informação em ordem decrescente, a narrativa é algo que também dispõe de flexibilidade na reportagem. A reportagem pode ser tanto investigativa baseada e levantamento de dados tanto interpretativa, onde a função do repórter é apenas apresentar os fatos de todos os lados da história. (LAGE, 2002).

6.1. PRODUTO

O produto resultante desta pesquisa é uma grande reportagem televisiva com a temática do gênero musical Funk, com inspiração no programa jornalístico “Conexão Repórter” do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). A proposta é trazer uma perspectiva diferenciada da mídia de massa e tratá-lo como manifestação cultural, elencando seus pontos positivos. A grande reportagem traz o cenário do Funk sob as perspectivas diferentes especialistas, para ajudar a construir a realidade do mundo do Funk, oferecendo aos telespectadores argumentos concretos para sanar dúvidas a respeito do tema, consolidando assim, o auxílio a conscientização do público sobre o gênero como manifestação cultural. Com o intuito de atender o objetivo proposto, foi adotado um percurso metodológico para a produção da grande reportagem televisiva “A outra Face do Funk”²¹.

Para embasar e estruturar o processo de produção foi realizado anteriormente a pesquisa bibliográfica, para compreender os processos metodológicos da televisão, do “fazer” jornalístico para TV, como a produção de um telejornal e a grande reportagem televisiva. Os aspectos que norteiam o tema, como a história do Funk, o conceito de cultura, o Funk como linguagem e sob a perspectiva da semiótica, serviram para dar angulação a reportagem e estruturá-la de acordo. Logo após a definição da angulação do tema, as pautas e seus encaminhamentos passaram a ser definidos, para que então começasse a busca pelos entrevistados ideais para abordagem do tema. Em um primeiro momento, a ideia era buscar para as entrevistas pessoas adeptas do estilo musical Funk e pessoas que não gostavam do gênero, porém a abordagem remetia superficial e sem argumentos concretos para uma discussão sobre o tema. A partir deste raciocínio, separou-se as questões

²¹ O produto pode ser acessado através do seguinte link: <http://facedofunk.blogspot.com>. Também disponível nos Apêndice E.

mais polêmicas do Funk, de modo que pudesse ser respondida por um profissional da área, que oferecesse embasamento teórico e relevante de acordo com a sua área de atuação. Para tal, foram escolhidos músicos, engenheiro de som, DJ e cantores para tratar do assunto enquanto gênero suas considerações pessoais, para tratar das influências do gênero uma psicóloga, enquanto manifestação cultural um antropólogo/ sociólogo para abordagem concisa do tema e para tratar da polêmica da criminalização do Funk um advogado, ao todo foram 20 entrevistados com a seleção final para composição do produto de 12 entrevistados.

Para que as entrevistas ocorram com fluidez, é preciso a realização de uma pauta (APÊNDICE A) com base nos dados coletados pelas pesquisas documentais, bibliográficas e qualitativas. O objetivo da pauta é nortear o andamento da entrevista com um planejamento antecipado, na qual deve conter informações sobre o tema, dados dos entrevistados, horário e local das entrevistas. (DUARTE, 2014).

A primeira pauta é do DJ Marlboro, um dos criadores do Funk brasileiro, que realça fatores históricos do Funk. A entrevista foi realizada via Skype devido a distância e o curto prazo, considerando que o mesmo demorou para atender a solicitação de entrevista. Optou-se pelas imagens da repórter e do cenário, pois o entrevistado não podia gravar em vídeo naquele momento, e não tinha outra data para a realização da gravação. Não intercalei fotos e vídeos do DJ pois todo o seu material audiovisual é visualmente poluído com aspecto não profissional.

A segunda pauta traz a perspectiva do Funk enquanto gênero musical sob a visão de Emil Shayeb, engenheiro de som. Foi realizada no estúdio musical do mesmo Valetes Records.

A terceira pauta é do Bonde do Estralo. Foram entrevistados dois dos seis integrantes, Rodrigo Garcia e Caio Rodrigues, e traz história e vivência da banda no mundo do Funk e suas perspectivas pessoais sobre o gênero. A entrevista foi realizada antes de um show do Bonde na casa noturna bauruense Sampa 27-28.

A quarta pauta é também de um músico e cantor Leonard Couto da banda 12 Cordas, que não é adepto do Funk e traz para a reportagem uma visão diferenciada sobre o tema. A entrevista foi realizada na TV Acadêmica da USC.

A quinta pauta traz o violinista Micael Ferreira, músico que toca Funk em violino instrumento usado na composição de músicas erudita, mas comum em orquestras, para realçar o gênero Funk enquanto produção musical. A entrevista foi

realizada no Calçadão da Batista de Bauru, local onde o músico trabalha atualmente.

A sexta pauta é do Vitor Carvalho (MC En) Funkeiro adolescente de Bauru de 14 anos que elenca a vivência de uma criança ou adolescente no mundo do Funk, a sua visão sobre o tema e de forma é influenciado pelo Funk.

A sétima pauta é do pai do MC En Flavio Candido que traz abordagem da vivência indireta com o ritmo e fala sobre da influência do Funk na família. Ambas as entrevistas foram realizadas na casa do MC En.

A oitava pauta traz a psicóloga Ivelise Sousa que faz o esclarecimento de uma questão bastante abordada pela sociedade, que é a influência do Funk sobre a criança e adolescente, tratando o tema de forma esclarecedora. A entrevista foi realizada no consultório da mesma.

A nona pauta é com Rafaela Santos, uma criança que fala sobre a representação do Funk sob a visão dela. A ideia era trazer o olhar de uma criança para que reforçasse a teoria da psicóloga.

A décima e última pauta trata de outro assunto polêmico, a criminalização do Funk. Para tanto optou-se pela entrevista com o advogado Fabio Cucci para trazer uma visão de um advogado sobre o assunto e elencar a falta de argumentos jurídicos do projeto de lei. A entrevista foi realizada no escritório de Fabio.

A seleção destes entrevistados foi realizada depois de pesquisas e contato por meio de redes sociais, Facebook, Instagram, e-mail e Whatsapp. A técnica utilizada nas entrevistas é a da entrevista em profundidade que permite flexibilidade e aprofundamento do assunto, para realçar este clima intimista utilizou-se nas filmagens o enquadramento em plano fechado (Clouse-Up), a câmera mais fechada no entrevistado, de modo que ocupe grande parte do cenário, deixando pouco espaço a volta, um plano que remete a intimidade e expressão. Outro enquadramento utilizado foi o meio primeiro plano, enquadramento acima da cintura. (O LIVRO..., 2017).

As entrevistas foram realizadas de 21 de setembro a 16 de outubro de 2017.

6.2. PRODUÇÃO

Para a produção dessas entrevistas jornalísticas em profundidade e das passagens foram utilizados uma câmera Canon HF700 um microfone de lapela, um

microfone de mão Sony Uwp 2 com canopla personalizada, com a logo da TV acadêmica, e espuma preta. Um gravador de voz para captação de um áudio reserva, um tripé, o led quando se fez necessário e 4 cartões de memória de 16 gb cada. Todo equipamento na maior parte das etapas foram cedidos e manuseados pelo aluno do 3º ano de jornalismo da Usc, Daniel Spagnuolo. Em uma entrevista foi utilizada a câmera, o microfone lapela e o estúdio da TV acadêmica. A captação dessas imagens (APÊNDICE D) foi realizada pelo aluno do terceiro ano de jornalismo, Daniel Spagnuolo, que atuou como cinegrafista. Para a captação do show do bonde do estralo foi recorrido ao celular devido à falta de espaço físico e segurança do equipamento. Para a gravação das cabeças e passagens de blocos foram utilizadas duas câmeras (modelo) que já possui memória interna, o microfone Boom e o cenário dos telejornais da USC, com o auxílio do técnico Paulo Macarini. O enquadramento usado foi o meio primeiro plano para a gravação das cabeças.

6.3. PÓS PRODUÇÃO

Após a coleta de todas as entrevistas foi realizada a decupagem do material captado, fazendo a estruturação de acordo com as pautas iniciais. Em seguida, a produção dos relatórios de edição e reportagem (APÊNDICE B e C) começou a ser produzidos para chegar ao roteiro final, isto inclui a busca por imagens, músicas, trilhas, *offs* e todo material visual que deve ser incluído ao longo da reportagem. Após a finalização dos relatórios, deu-se início às gravações das cabeças e passagens de blocos e a decupagem dessas gravações, finalizando a coleta de materiais para compor a reportagem. Após todas essas etapas, chega-se ao processo de edição. O produto foi editado pelo Daniel Spagnuolo, para garantir a qualidade visual do produto, já que eu não domino a técnica. O programa utilizado foi o Sony Vegas. Nele fizemos os cortes, ajustes de som quando necessário, tratamento de imagem e cor, e

Após a edição, criou-se a vinheta de abertura que foi idealizada e produzida pelo técnico da TV acadêmica João Grigoletti Junior, com inspiração no modelo “Conexão Repórter”.

Por fim, o programa USC Repórter exibe a grande reportagem televisiva “A Outra Face do Funk” dividida em três blocos: o primeiro conta a história do Funk e traz o gênero enquanto produção musical, totalizando 6 minutos e 27 segundos, com

comercial de 30 segundos. O segundo bloco traz a realidade do Funk em Bauru, os Funkeiros pioneiros da cidade, com o total de 5 minutos e 37 segundos, com um comercial de 30 segundos. O terceiro e último bloco trata da influência do Funk sobre as crianças e o projeto de criminalização do Funk, com 6 minutos e 45 segundos o mais longo por tratar duas questões polêmicas. O programa ao todo soma entre blocos e comerciais o total de 18 minutos e 39 segundos de grande reportagem televisiva. A trilha sonora foi escolhida de acordo com o tema do programa, “O Rap da Felicidade” do Cidinho e Doca que faz uma crítica social através do funk.

Para facilitar a compreensão do conteúdo, objetivando a clareza e objetividade do jornalismo, foi adotada uma linguagem simples e formal porém com um vocabulário menos rebuscado para que a informação chegue ao público de forma clara e coesa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como resultado o produto proposto inicialmente, a grande reportagem televisiva com a temática do gênero musical Funk, da onde origina-se o nome da reportagem, “A Outra Face do Funk”. Atende aos objetivos de desmistificar a cultura do Funk, mostrando a realidade deste meio sob perspectivas de especialistas que geralmente não são abordados pela mídia para que o telespectador tenha a informação correta para conceituação e argumentação do estilo musical Funk, gerando assim conhecimento e conseqüentemente auxiliando na compreensão do gênero como uma manifestação cultural. Logo, nota-se que as problemáticas que norteiam o tema foram respondidas ao mostrar através da entrevista com psicóloga e antropólogo/sociólogo, que o Funk não exerce influência negativa sobre a sociedade e que trata-se de uma manifestação cultural das classes subalternas.

O preconceito existe por ser um ritmo oriundo da periferia, interpretado por negros, pobres e favelados que retratam por meio da música a realidade vivida dentro das comunidades. Outro problema abordado nesta grande reportagem televisiva é a socialização do Funk em Bauru, através desta produção é notável que o preconceito na cidade é iminente, porém disfarçado. Ainda está ocorrendo um movimento de socialização do Funk nas casas noturnas em relação ao público, que perceptivelmente “compra” o Funk exclusivamente como forma de entretenimento.

No laboratório executado ao longo do processo de produção da reportagem, nas casas noturnas de Bauru, chega-se à conclusão que o público prefere “consumir” o Funk de forma “maquiada”. Escuta-se e dança-se o ritmo, porém a cautela é para que isso não pareça Funk. Na divulgação nota-se uma prática bastante comum das bandas bauruenses em se denominar no estilo musical Pop ou Sertanejo, mas ter no seu repertório mais de 50% de músicas do gênero musical Funk.

O público, ao que se pode perceber, está ciente disso, e adere à prática, pois tem algum tipo de preconceito em relação ao gênero. Prefere-se desse modo maquiar a inclusão do Funk dentro das casas noturnas de Bauru, substituindo os MCs ou Funkeiros, por cantores de outros gêneros ou DJ. O que parece gerar uma opinião distorcida sobre a conceituação do ritmo: pode-se consumir Funk para

diversão, no entanto não se deve assumir isto. Nasceram “Funkeiros” nos inícios das baladas e morrem ao fim. Lá fora, dificilmente alguém assumirá que gosta de Funk. O que reforça a hipótese de que o Funk tem pouca notoriedade e espaço no cenário musical bauruense.

Outra hipótese tratada e confirmada é de que a mídia influencia diretamente na formação da conceituação do tema, retratando o gênero de forma estereotipada, oferecendo ao telespectador uma única visão sobre o Funk, geralmente distorcida da realidade.

A mídia ainda retrata esse estilo musical de forma bastante marginalizada: o foco dos bailes Funks sempre nos morros, nas favelas, dificilmente se passa em algum núcleo “nobre” dentro dos programas televisivos. Esta prática incentiva e altera a realidade contemporânea, onde o Funk sai das favelas para outras realidades sociais. Quando isto ocorre, fica evidente perceber que quando o ritmo é retratado em algum local elitizado, a abordagem da mídia também se faz nobre, diferentemente de quando ocorre em regiões periféricas.

Outro ponto importante a ressaltar é o desafio no qual me propus a enfrentar, criei um produto de televisão sem ter cursado nenhuma disciplina relacionada antes da escolha do tema do trabalho de conclusão de curso. Por ser aluna de vinta de outro curso, ou seja, um estudo de caso, a minha grade curricular sempre foi diferente dos demais alunos do curso. As disciplinas eram intercaladas com as dos semestres anteriores e posterior, fazendo com que eu cursasse as disciplinas de TV ao mesmo tempo que produzia o produto do Trabalho de Conclusão de Curso. Um grande desafio, pois até ali, contava apenas com o “*feeling*” para jornalismo televisado, tarefa árdua.

Muitos me perguntaram como eu faria aquilo. A resposta exata no momento não me vinha, apenas sabia que eu faria. Comecei a cursar as disciplinas ao mesmo tempo em que produzia o TCC, fui aos poucos tentando me aprimorar, foi difícil, muitas vezes até pensei em desistir, mas nunca deixei de concluir nada que eu realmente acreditasse. Foi uma aposta audaciosa, mas a melhor aposta que fiz em toda minha vida. A entrevista com o DJ Marlboro, que particularmente me intitula fã, por ser o criador do Funk brasileiro, foi um dos maiores feitos neste trabalho. Mesmo com a distância, persisti no foco da reportagem e consegui esta entrevista com este Dj renomado que coleciona diversos trabalhos internacionais.

De todas as dificuldades enfrentadas para a realização desta grande reportagem televisiva, gratifica-se pelo fato de poder exercer com êxito a minha futura profissão.

Após anos de graduação, a produção de um trabalho como este é uma realização pessoal e profissional, que permitiu através do jornalismo agregar informação e conhecimento à sociedade, colocando em prática o jornalismo como uma prestação de serviço à população, ajudando a representar uma realidade. Com isso, espera-se que esta grande reportagem televisiva contribua com os representantes do Funk brasileiro na quebra desses preconceitos, que auxilie na mudança de posicionamento da mídia em relação a retração do Funk, demonstrando seu verdadeiro papel na sociedade, a importância do reconhecimento do gênero musical como manifestação cultural e também como ferramenta de inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ABIAHY, A. C. A. O jornalismo especializado na sociedade da informação. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [S.l.], p. 1-27, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- ASSIS, F. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, set./dez. 2008.
- BAHIA, B. J. **Jornal, história e técnica: as técnicas do Jornalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 2.
- BARBEIRO; H.; LIMA, P. R. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2002.
- _____. **Manual de telejornalismo: para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2009.
- BARBOSA, R. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Papagaio, 2004.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- BIO. **Erasm Carlos**, c2010. Disponível em: <<https://www.erasmocarlos.com.br/bio.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CANCIO, M. **Telejornalismo descoberto: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005.
- CARRASCO, V. #descontent@mento - O que comunicam os protestos brasileiros de 2013. 223 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136738/000859680.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 ago. 2017
- CLIFE com Anitta e Pablo Vittar tem a melhor estreia no YouTube desde 'Hello'. **Istoé**, 2017. Disponível em: <<http://istoe.com.br/clife-com-anitta-e-pablo-vittar-tem-a-melhor-estrela-no-youtube-desde-hello/>>. Acesso em: 05 ago. 2017
- COHN, G. (Org.). **Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião**

pública, propaganda e "cultura de massa" nessa sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional: EDUSP, 1971.

CRUZ, F. B. Proposta para criminalizar o Funk tem 20 mil assinaturas em site do Senado. **Uol**, 2017. Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2017/05/26/lei-para-criminalizar-o-Funk-recebe-20-mil-assinaturas-no-site-do-senado.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 05 ago. 2017

CRUZ NETO, J. E. **Reportagem de televisão**: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 62-84.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

ELICHIRIGOITY, M. A. P. A formação do sentido e da identidade na visão Bakhtiniana. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Niterói, n. 34, p. 181-206, 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. **Configurações do mercado do Funk no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008.

GALVÃO, D. Grande Reportagem Televisiva: Internet: mundo virtual, perigos reais. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., Rio de Janeiro, 2009. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. p. 1-15.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Jornalismo a Rigor, v. 6).

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E ESTATÍSTICA – IBOPE. Tribos musicais. **Ibope**, 2015. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/tribos_musicais.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

LAGE, N. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1 p. 20-25, jan./jul. 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5257545.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

O LIVRO: enquadramentos: planos e ângulos. **Primeiro filme**, [2017?]. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 05 ago. 2017

MACHADO, I. Cultura em campo semiótico. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 157-166, jun./ago. 2010.

MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 1, p. 12-25.

MATOS, O. C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993. (Logos).

MATTOS, S. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 23-55.

MELLO, J. N. Telejornalismo no Brasil. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [S.l.], p. 1-11, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MELO, J. M. **Comunicação social: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 1978.

MELO, J. M. (Ed.). **Enciclopédia INTERCOM de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica: de Platão a Pierce**. São Paulo: Annablume, 1995.

A ORIGEM do Funk e sua evolução. **Complexo do Funk**, c2014. Disponível em: <<http://www.complexodoFunk.com.br/2014/03/29/origem-Funk-e-sua-evolucao/>>. Acesso em: 05 ago. 2017

ORTEGA, R. 'Baile de favela' muda vida de Mc João, que sustenta família desde os 17 anos. **G1**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2016/01/baile-de-favela-muda-vida-de-mc-joao-que-sustenta-familia-desde-os-17-anos.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

PABLO Vittar passa RuPaul, a drag queen mais famosa do mundo, em rede social. **Folha de São Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2017/06/pablo-vittar-passa-rupaul-a-drag-queen-mais-famosa-do-mundo-em-rede-social.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Elsevier: Campus, 2006.

PEDRO, T. M. G. **Funk brasileiro**: música, comunicação e cultura. 136 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

PIZA, D. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003. (Comunicação).

PORCELLO, Flávio. A TV no Brasil. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROBERTO Cabrini estreia à frente do Conexão Repórter; veja o especial. **SBT**, c2017. Disponível em: <<http://m.sbt.com.br/jornalismo/conexaoreporter/noticias/4748/Roberto-Cabrini-estrela-a-frente-do-Conexao-Reporter-veja-o-especial.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ROMÁRIO convidará Anitta e Valesca Popozuda para audiência no Senado. **O Estado de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,romario-convidara-anitta-e-valesca-popozuda-para-audiencia-no-senado,70001856413>>. Acesso em: 20 maio 2017.

SANTOS, T. S. **Pensar música**: a crítica atual. 39 f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/54081657-Universidade-de-sao-paulo-escola-de-comunicacoes-e-artes-centro-de-estudos-latino-americanos-sobre-cultura-e-comunicacao.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SOUL Music: O estilo musical que dominou o mundo. **Proddigital**, c2017. Disponível em: <<http://proddigital.com.br/musica/soul-music-o-estilo-musical-que-dominou-o-mundo/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Argos/UNOESC, 2002.

SOUZA, J. C. A. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TAVARES, F. M. B. Percursos entre o Jornalismo e o Jornalismo Especializado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2008, Passo Fundo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0648-1.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2017.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são? 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

VEM quente, que eu estou fervendo. **Qual delas**, [2017?]. Disponível em: <<http://qualdelas.com.br/vem-quente-que-eu-estou-fervendo-2/>>. Acesso em: 21 set. 2017.

WANNER, M. C. A. **Uma reflexão sobre a filosofia de C. S. Peirce**. Salvador: EDUFBA, 2010.

APÊNDICE A - Pautas

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - DJ Marboro

Data: 05/10 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC

Pauta: THAÍZA COSTA **Data de publicação:** A DEFINIR

Equipe: Redator /Repórter THAÍZA COSTA **Imagens:** Thaiza Costa

TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

SUGESTÕES: abordar fatores históricos

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- História do Funk

- O preconceito no Funk
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ROTEIRO/ FONTES:

HORÁRIO – LOCAL - TV acadêmica – 13h30

ENDEREÇO: Rua Irmã Arminda, 10-50 - PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

ENTREVISTA VIA SKYPE

ENTREVISTADO 1 - DJ Marboro

CONTATOS: (21) 9604-1982

E-mail: rizeth@bigmix.com.br

QUEM É O ENTREVISTADO

Fernando Luís Mattos da Matta é DJ, compositor e empresário, criador do estilo musical conhecido como Funk Brasileiro. Após uma pausa na carreira o Dj voltou com um projeto inédito intitulado Raggafunk, que teve seu primeiro lançamento e Setembro na voz de Mc Livinho “Esse Dom”.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Vamos tratar com o entrevistado questões sobre a criminalização do funk, a “maquiagem” que as bandas usam para inserir o funk dentro das baladas que não são de funk e o cenário do funk nacional.

SUGESTÕES DE PERGUNTA:

1. Você foi um dos precursores do funk nacional. Poderia falar um pouco sobre o surgimento deste ritmo?
2. Quais eram as características deste estilo musical?
3. Como e onde ele se desenvolveu?
4. Quais as principais dificuldades para os artistas que se enveredaram pelo funk no início do movimento?
5. Havia preconceito com os artistas que trabalhavam com este ritmo na época?
6. Daria para citar alguns exemplos?
7. De lá pra cá você acha que teve muita mudança com relação à aceitação do funk?
8. O que mudou?
9. A sociedade aprendeu a gostar do funk? O ritmo se popularizou? A que fatores você atribui isso?
10. Como você classifica o funk hoje?
11. Você o considera realmente funk ou acha que ele está mais pop e comercial?
12. Como você definiria o funk hoje?

13. O que o funk representa pra você?
14. Você acredita que o funk seja uma ferramenta de inclusão social? Por quê?
15. E a mídia? Hoje trata diferente o funk? Abriu mais espaço?
16. A mídia retrata o funk como ele realmente é ou ainda traz estereótipos de uma cultura marginalizada de favela?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - EMIL SHAYEB

Data: 21/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO

TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Trazer a narrativa do pai do MC como beneficiário direto do gênero.

SUGESTÕES: Imagens do pai do Mc

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru
- O funk enquanto produção musical

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;

- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

HORÁRIO - LOCAL - Valetes Record – 18H30

ENDEREÇO: RUA Vivaldo Guimarães, 10-88 PUNTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

ENTREVISTADO 4 – Emil Shayeb – Produtor Musical

Telefone: (14) 9 81388181

E-mail: contato@valetes.com.br

Endereço: Rua Vivaldo Guimarães, 10- 88, Vila Samaritana, Bauru- SP

Emil Shayeb, é formado em administração, produtor musical, engenheiro de som, multi-instrumentista e empresário. Entre outros trabalhos, Emil administra a carreira artística de diversos artistas. Emil também foi vocalista da banda Valetes de 2009 á 2013, vencedor dos meus prêmios Nick (Canal Nickelodeon) em 2012, na categoria revelação musical e vencedor do prêmio jovem brasileiro em 2014.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Irei abordar o reconhecimento do funk enquanto gênero musical, produto musical e também como manifestação cultural.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Muitas pessoas dizem que funk não é música, por conta da sua produção virtual e letras. Quais elementos caracterizam o funk enquanto produção musical.
2. Você acredita que o funk atende as demandas da indústria fonográfica hoje? Porque?
3. Você produziria um cantor de funk?
4. Você ainda não produziu nenhum funk, existe algum motivo específico?
5. Este projeto de lei sobre a criminalização do funk pode afetar de algum modo a comercialização do funk, mesmo não aprovado ainda?

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

(DADOS, INFORMAÇÕES, SITES ETC)

SERVIÇO:**SUGESTÕES DE IMAGENS**

Mesa de som e estúdio de gravações

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO – BONDE DO ESTRALO

Data: 21/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** A DEFINIR
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela

falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Trazer para reportagem a vivência e perspectiva sobre o funk em Bauru.

SUGESTÕES: Trazer dentro deste contexto todos os pontos de vista cabíveis para a desmistificação da cultura do Funk, conscientizando e conseqüentemente auxiliando na quebra de paradigmas e preconceitos.

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- História do Funk
- O Funk em Bauru
- A INFLUÊNCIA DO Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

HORÁRIO - LOCAL - SAMPA – 21H

ENDEREÇO: RUA ANTÔNIO ALVES 27-28 PONTO DE REFERÊNCIA

ENTREVISTADO 2 – Rodrigo Garcia Seródio, vocalista da Bonde do Estralo

CONTATOS: (14) 9 9650-2528

QUEM É O ENTREVISTADO?

Estudante do curso de engenharia da Unesp-Bauru, criador e baixista do grupo de funk bonde do estralo.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Vamos tratar com o entrevistado questões sobre a criminalização do funk, a “maquiagem” que as bandas usam para inserir o funk dentro das baladas que não são de funk e o cenário do funk nacional.

1. Você acha que o funk faz mesmo apologia ao crime, às drogas e à sexualização?
2. Você acredita que o funk é uma manifestação cultural?
3. A que fatores você atribui os estereótipos ou aspectos negativos ligados ao funk?
4. Como mudar isso?
5. O funk tem crescido nos últimos anos e tem aumentado espaço nas rádios, emissoras de TV etc. dá pra dizer que há uma mudança de comportamento e da sociedade com relação a este gênero musical?
6. Nos shows de vocês, vocês percebem que o público tem gostado, dançado, ouvido, pedido essas canções de funk?

HORÁRIO – LOCAL - SAMPA – 21H
ENDEREÇO: RUA ANTÔNIO ALVES 27-28 PONTO DE REFERÊNCIA

ENTREVISTADO 3 – Caio Rodrigues, Vocalista do grupo Bonde do Estralo
CONTATOS: (14) 9 9894-9073

QUEM É O ENTREVISTADO?

Estagiário e estudante de engenharia na Unesp-Bauru, também é vocalista do Grupo Bonde do Estralo.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Vamos tratar com o entrevistado questão, sobre a criminalização do funk, a “maquiagem” que as bandas usam para inserir o funk dentro das baladas que não são de funk e o cenário do funk nacional.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Você acha que o funk faz mesmo apologia ao crime, às drogas e à sexualização?
2. Você acredita que o funk é uma manifestação cultural?
3. A que fatores você atribui os estereótipos ou aspectos negativos ligados ao funk? Como mudar isso?
4. O funk tem crescido nos últimos anos e tem aumentado espaço nas rádios, emissoras de TV etc. dá pra dizer que há uma mudança de comportamento e da sociedade com relação a este gênero musical?
5. Nos shows de vocês, vocês percebem que o público tem gostado, dançado, ouvido, pedido essas canções de funk?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - LEO COUTO

Data: 21/09 RETRANCA: FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO Editoria: TCC
Pauta: THÁIZA COSTA Data de publicação: A DEFINIR
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA Imagens: DANIEL SPAGNUOLO

TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a

desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

SUGESTÕES: Trazer dentro deste contexto todos os pontos de vista cabíveis para a desmistificação da cultura do Funk, conscientizando e conseqüentemente auxiliando na quebra de paradigmas e preconceitos.

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- História do Funk
- O Funk em Bauru
- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ROTEIRO/ FONTES:

HORÁRIO - LOCAL - TV acadêmica – 21H

ENDEREÇO: Rua Irmã Arminda, 10-50 - PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

ENTREVISTADO 1 - Leonard Henrique Couto, vocalista da banda 12 Cordas

CONTATOS: (14) 99621-6918

E-mail: leonardcoutho12@gmail.com

QUEM É O ENTREVISTADO

Leonard, é mais conhecido como Léo Couto em Bauru e região, tem 31 anos trabalha a 16 anos com música e lançou um álbum autoral de Rock. Já integrou bandas bailes, já deu aula de música e atualmente trabalha fazendo shows como vocalista da banda 12 cordas.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Vamos tratar com o entrevistado questões sobre a criminalização do funk, a “maquiagem” que as bandas usam para inserir o funk dentro das baladas que não são de funk e o cenário do funk nacional.

SUGESTÕES DE PERGUNTA

1. No seu ponto de vista qual será o desfecho do projeto de criminalização do funk?
2. Você acha que o funk faz mesmo apologia ao crime, às drogas e à sexualização?
3. Você acredita que o funk é uma manifestação cultural?
4. A que fatores você atribui os estereótipos ou aspectos negativos ligados ao funk?
5. Como mudar isso?
6. O funk tem crescido nos últimos anos e tem aumentado espaço nas rádios, emissoras de TV etc. dá pra dizer que há uma mudança de comportamento e da sociedade com relação a este gênero musical?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - MICAEL FERREIRA

Data: 29/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** A DEFINIR
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** Daniel Spagnuolo
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO:

SUGESTÕES:

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- História do Funk
- O preconceito no Funk
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ROTEIRO/ FONTES:

HORÁRIO – LOCAL - Calçadão da Batista – 17H00

ENDEREÇO: Rua Batista de Carvalho - PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

ENTREVISTADO 1 - Micael Ferreira

CONTATOS: (14) 98132-1364

E-mail: micaeleventos@hotmail.com

QUEM É O ENTREVISTADO

Micael Ferreira é músico, toca em eventos e iniciou um projeto no Calçadão da Batista no qual o objetivo é tocar músicas populares no violino.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO

Vamos tratar com o entrevistado questões sobre a criminalização do funk, o preconceito com o funk e sua visão do gênero enquanto músico.

SUGESTÕES DE PERGUNTA:

1. No seu ponto de vista qual será o desfecho do projeto de criminalização do funk?
2. Você acha que o funk faz mesmo apologia ao crime, às drogas e à sexualização?
3. Você acredita que o funk é uma manifestação cultural?
4. A que fatores você atribui os estereótipos ou aspectos negativos ligados ao funk?
5. Como mudar isso?

6. O funk tem crescido nos últimos anos e tem aumentado espaço nas rádios, emissoras de TV etc. dá pra dizer que há uma mudança de comportamento e da sociedade com relação a este gênero musical?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - Mc En

Data: 21/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁÍZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁÍZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Trazer a narrativa do adolescente sobre o funk, a sua vivência, como o funk o influencia e o funk dentro da família.

SUGESTÕES: Imagens Do Mc En com o Pai

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru
- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 4 – Vitor Henrique Carvalho Cândido, MC En Funkeiro
CONTATOS: (14) 9 9855-3318

HORÁRIO – LOCAL - casa do mc – 17H
ENDEREÇO: RUA Sandro Cervante Chocão 3-30 PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

QUEM É O ENTREVISTADO?

Vitor Enrico Carvalho Candido, tem 14 anos de idade, mais conhecido como MC En, é um cantor e compositor natural de Bauru. Ele começou a escrever letras e cantar aos 10 anos de idade. Atualmente, MC EN já é um sucesso por onde passa e com seu talento vem ganhando experiência e bastante reconhecimento do público. O cantor tem trabalhado na divulgação da sua música "Vida de Bacana", cujo clipe disponibilizado no YouTube já soma milhares de visualizações

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: O funk na visão dele, a criminalização do Funk e como o gênero musical influencia na sua vida.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Você nota preconceito com relação ao funk vindo de organizadores de eventos em Bauru e região?
2. Você nota preconceito com relação ao funk vindo da sociedade bauruense em relação ao funk?

3. Como descobriu seu talento para o funk?
4. Como é ser um Mc famoso na cidade, com apenas 14 anos?
5. Como o funk te influencia?
6. Você consegue ajudar a sua família com o dinheiro do show?
7. Qual o seu maior sonho como Mc?
8. Você já sofreu preconceito por ser funkeiro?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - FLAVIO CANDIDO

Data: 21/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Trazer a narrativa do pai do MC como beneficiário direto do gênero.

SUGESTÕES: Imagens do pai do Mc

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru
- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 4 – Flavio Candido - Pai do Mc En

CONTATOS: (14) 99855-3318

HORÁRIO - LOCAL - casa do mc – 17H

**ENDEREÇO: RUA Sandro Cervante Chocão 3-30 PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)**

QUEM É O ENTREVISTADO?

Empresário e pai do Mc En atualmente, trabalhava na casa de ração da família e largou tudo para cuidar da carreira do filho.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: Irei abordar o tema sob a perspectiva dele como pai de um MC

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. O público que frequenta essas baladas é diferente? Em que sentido?
2. Você nota preconceito com relação ao funk vindo de organizadores de eventos em Bauru e região?
3. Você nota preconceito com relação ao funk vindo da sociedade em relação ao funk? E os universitários?
4. Você já sofreu preconceito por causa do gênero musical que seu filho canta? Como foi essa experiência?

5. O que o funk acrescenta como conhecimento na sua vida?
6. Qual a sua visão sobre o projeto de criminalização do funk?
7. Como pai você acredita que o Funk influencia crianças?

Data: 04/10 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THAÍZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THAÍZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Falar sobre a influência do gênero funk na formação da criança.

SUGESTÕES:

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru

- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 4 – Ivelise Benicio Souza

CONTATOS: (14) 99799-1688

HORÁRIO - LOCAL - Clínica Coopsico Bauru– 16H

**ENDEREÇO: Engenheiro Saint Martin 26-49 PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)**

QUEM É O ENTREVISTADO?

Ivelise é formada em psicologia com especialização em psicologia infantil.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: Irei abordar o tema sob a perspectiva do funk como influenciador na formação da criança.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. A música tem alguma influência sobre o comportamento humano?
2. De que modo o funk pode afetar a formação de uma criança?
3. Como lidar com a popularização do funk pais que não gostam do ritmo?

4. Existe uma idade ideal para poder escutar este gênero musical?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - RAFAELA XAVIER

Data: 21/09 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO
TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Trazer a narrativa do adolescente sobre o funk, a sua vivência, como o funk o influencia e o funk dentro da família.

SUGESTÕES: Imagens Do Mc En com o Pai

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru
- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 11 – Rafaela Xavier, Estudante

CONTATOS: (14) 9 8124-1432

HORÁRIO – LOCAL - Calçada da Batista – 17H

**ENDEREÇO: RUA Batista de Carvalho PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)**

QUEM É O ENTREVISTADO?

Rafela Xavier, criança de 11 anos, estudante simpatizante do gênero musical Funk.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: O funk na visão dele, a criminalização do Funk e como o gênero musical influencia na sua vida.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Você gosta de Funk? Porque?

2. O que o Funk representa pra você?
3. O que sua família diz sobre o funk?
4. Você acredita que o ritmo te influencia de alguma forma?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - CLÁUDIO BERTOLLI

Data: 06/10 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁIZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁIZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO

TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Falar sobre o gênero funk enquanto manifestação cultural.

SUGESTÕES:

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- O Funk em Bauru
- A influência do Funk nas crianças
- Criminalização do Funk
- O contexto sócio e antropológico do Funk
- Funk como manifestação cultural

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 4 – Claudio Bertoli Filho

CONTATOS: (14) 99758-1315

HORÁRIO - LOCAL - Unesp-Bauru – 17H

ENDEREÇO: Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14 PONTO DE REFERÊNCIA

(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)

Centro de Sociais Aplicadas próximo a portaria 2.

QUEM É O ENTREVISTADO?

Formado em História pela Universidade de São Paulo (1979) e em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1988); mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (1986), doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (1993) e Livre-docente em Antropologia (2010) pela Universidade Estadual Paulista. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia e Comunicação e Ensino de Ciências, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia e cultura, mídia e representação social da medicina, do corpo e das enfermidades, representações sociais, saúde pública. (Texto do próprio entrevistado).

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: Irei abordar o tema da perspectiva do gênero enquanto manifestação cultural.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Sócio E antropológicamente o que o funk representa para a cultura brasileira?
2. Porque há preconceito em relação a este estilo?
3. Você nota preconceito com relação ao funk vindo da sociedade em relação ao funk? E os universitários?
4. Da para dizer que hoje o funk é popular? Porque?

PAUTA - FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO - FÁBIO CUCCI

Data: 09/10 **RETRANCA:** FUNK CENÁRIO ARTÍSTICO **Editoria:** TCC
Pauta: THÁÍZA COSTA **Data de publicação:** 07/11/2017
Equipe: Redator /Repórter THÁÍZA COSTA **Imagens:** DANIEL SPAGNUOLO

TEMA: FUNK

HISTÓRICO/SINOPSE:

Na busca pela desmistificação de rótulos que alguns grandes veículos de massa transmitem para a sociedade em geral, nasce a produção da grande reportagem televisiva “Funkeado: uma grande-reportagem televisiva sobre a desmitificação do funk em Bauru e região”, que tem como objetivo mostrar a socialização do Funk em Bauru e região. A proposta deste produto se justifica pela falta de conteúdo oferecido pela mídia de massa sobre o tema o que ocasiona em uma visão distorcida do Funk.

Analisando o contexto apresentado, destacando a abordagem do tema pelos grandes meios de comunicação de massa, é necessário que exista uma representação diferente e consciente sobre o funk. É preciso informar para conscientizar e incentivar a reflexão sobre os rótulos impostos a cultura do funk. Mediante este cenário o questionamento se torna fundamental: O funk é apologia à criminalidade e sexo que a alguns grandes veículos de comunicação de massa mostram ou ele retrata algumas realidades sociais? O funk é só música de entretenimento ou ele é também uma ferramenta que auxilia as minorias sociais na busca por espaço? Existe uma socialização do Funk na sociedade de Bauru e Região? O funk sofre preconceito pela temática que suas letras abordam ou por ser um gênero nascido na periferia?

Este projeto visa os seguintes objetivos:

ENFOQUE/ENCAMINHAMENTO: Falar sobre o projeto de lei que criminalizaria o funk.

SUGESTÕES:

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS:

- Criminalização do Funk

OBJETIVO GERAL

Mostrar o funk sobre diferentes perspectivas, contribuindo para a desmitificação da cultura e conseqüentemente auxiliando luta contra o preconceito no gênero em uma grande reportagem televisiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Contribuir para os estudos do jornalismo cultural;
- b) Conscientizar a população sobre o preconceito cultural;
- c) Através da conscientização, despertar o senso crítico dos consumidores da mídia de massa;
- d) Desmitificar a cultura do funk;
- e) Fornecer conteúdo adequado para a construção de opinião sobre o gênero Funk;
- f) Mostrar as causas e questões sociais que o funk abriga.

ENTREVISTADO 4 – Fabio Augusto Cucci

CONTATOS: (14) 99799-1688

HORÁRIO – LOCAL – Bauru - 15H30

**ENDEREÇO: Rua Azarias Leite 16-28 PONTO DE REFERÊNCIA
(ORIENTAÇÕES DE COMO CHEGAR)**

QUEM É O ENTREVISTADO?

Fabio Augusto Cucci é formado em direito.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO: Irei abordar a criminalização do funk.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS

1. Existem argumentos jurídicos que embasem o projeto de lei para criminalizar o funk?
2. O funk pode ser considerado crime?
3. Como foi julgado o projeto de lei para criminalizar o funk?

	CABEÇA 1º - BLOCO- HISTÓRIA DO FUNK E VISÃO DOS PROFISSIONAIS	Tempo	Data	Nº da lauda
	A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	39''		2
vídeo	tec	áudio		
		<p data-bbox="876 394 1408 499">CABEÇA THAIZA 00123- 02'52 Á 3'18))</p> <p data-bbox="876 514 1424 1596"> POLÊMICAS E PRECONCEITOS. O SOM DA PERIFERIA DO RIO GANHA FORÇA E INVADE O COTIDIANO DO PAÍS INTEIRO. EM EVIDENCIA O RITMO HOJE DIVIDE OPINIÕES, JÁ VIROU ATÉ CASO DE ASSUNTO POLITICO. UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO ENTRE O FUNK E A SOCIEDADE, QUE VOCÊ CONFERE AGORA NA REPORTAGEM A OUTRA FACE DO FUNK. </p> <p data-bbox="876 1638 1242 1732"> //////////RODA VT ////////// </p>		

	PASSAGEM PARA O SEGUNDO BLOCO	Tempo	Data	Nº da lauda
	A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	13"		3
vídeo	tec	áudio		
	VIVO	<p>PASSAGEM THAIZA 00123-4'20 Á 4'33</p> <p>E NO PRÓXIMO BLOCO, A REALIDADE DOS CANTORES DE FUNK NO INTERIOR PAULISTA E O IMPACTO DESTE GÊNERO MUSICAL NA SOCIEDADE. É DAQUI A POUCO NO USC REPÓRTER.</p> <p>//////////RODA VT //////////</p>		

	CABEÇA 2º - BLOCO – PIONEIROS EM BAURU E O IMPACTO DO FUNK	Tempo	Data	Nº da lauda
	<small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	32"		5
vídeo	tec	áudio		
CABEÇA BLOCO 2	VIVO	<p>(THAIZA 00123- 09'19 À 09'51)</p> <p>ESTAMOS DE VOLTA COM A REPORTAGEM A OUTRA FACE DO FUNK. HOJE O FUNK É UM DOS GÊNEROS MUSICAIS MAIS POPULARES DO BRASIL. COM RECONHECIMENTO NACIONAL E INTERNACIONAL VEM QUEBRANDO BARREIRAS E ENCORAJANDO JOVENS QUE SONHAM EM VIVER DA MÚSICA. SEJA NAS CAPITALS OU NO INTERIOR DOS ESTADOS CANTORES BUSCAM NO RITMO UMA OPORTUNIDADE DE UMA VIDA MELHOR, OU ATÉ MESMO COMO UMA FORMA DE SE DIVERTIR. VAMOS CONHECER AGORA OS PIONEIROS DO FUNK EM BAURU E REGIÃO.</p> <p>//////////////////RODA VT //////////////////////</p>		

	PASSAGEM PARA O 3º BLOCO	Tempo	Data	Nº da lauda
	A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	32"		6
vídeo	tec	áudio		
	VT	<p> PASSAGEM THAIZA00123-09'27 Á 09'43 Á 09'55 Á 10'11 </p> <p> CRIANÇAS QUE VIVEM DO FUNK, QUE ESCUTAM O RITMO. QUAL A INFLUENCIA DESSE GÊNERO MUSICAL NA FORMAÇÃO DE UMA CRIANÇA OU ADOLESCENTE? O QUE ESSAS CRIANÇAS PENSAM SOBRE ISSO? O PROJETO DE LEI QUE IRIA CRIMINALIZAR O FUNK, QUAL O POSICIONAMENTO DOS FUNKEIROS? </p> <p> A SOCIEDADE DIVIDIDA EM DOIS LADOS, O FUNK DEVE OU NÃO SER CRIMINALIZADO? A SEGUIR NO USC REPÓRTER. </p> <p> //////////RODA VT ////////// </p>		

	ENCERRAMENTO – BLOCO 3	Tempo	Data	Nº da lauda
	A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	9”		9
vídeo	tec	áudio		
	VIVO	<p>(((THAIZA 00174- 4'53 Á 5'14)))</p> <p>//////UMA BOA NOITE E ATÉ O</p> <p>PRÓXIMO USC REPÓRTER///</p> <p>////////////////////RODA VT //////////////////////</p>		

	ENCERRAMENTO – BLOCO 3	Tempo	Data	Nº da lauda
A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP				10
vídeo	tec	áudio		
<p>GCS: IMAGENS E EDIÇÃO DE IMAGENS: DANIEL SPAGNUOLO</p> <p>PRODUÇÃO, REPORTAGEM E EDIÇÃO DE TEXTO: THAIZA COSTA</p> <p>VIDEOGRAFISMO / VINHETA: JUNIOR GRIGOLETTI</p> <p>IMAGENS (ESTÚDIO):</p> <p>APOIOS TÉCNICOS JÚNIOR GRIGOLETTI PAULO MACARINI</p> <p>AGRADECIMENTOS: DANIEL SPAGNUOLO VINICIUS CARRASCO PAULO MACARINI GUILHERME LIMA MARIANA CANDIDO</p> <p>ORIENTAÇÃO, COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO GERAL: VINICIUS CARRASCO</p> <p>CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO</p> <p>COORDENAÇÃO DE CURSO PROFA. ME. MAYRA FERNANDA FERREIRA</p> <p>UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO - USC (LOGO) BAURU - SP 2017</p>	<p>VT</p>	<p>////////RODA VT</p> <p>////////////////////</p>		

APÊNDICE C - Relatórios de edição

	VT 1 - A HISTÓRIA DE FUNK VISÃO DOS PROFISSIONAIS	Tempo	Data	Nº da lauda
	A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP			1
vídeo	tec	áudio		
		<p style="text-align: center;">VT HISTORIA DO FUNK / VISÃO DOSPROFISSIONAIS REPORTAGEM: THAIZA COSTA IMAGENS DANIEL SPAGNUOLO</p> <p>VINHETA DO PROGRAMA</p> <p>////////RODA VT \\\\\\\\\\\\\\\</p> <p>SON MICAEL MVI0341 INSTRUMENTAL "BAILE DE FAVELA": 0'24 - 0'39</p> <p>VT SONORA MICAEL MVI0340- 4'51- 5'23</p> <p>D.I " É QUE NA VERDADE O INSTRUMENTAL..."</p> <p>D.F "ENTÃO NÃO TEM TANTO PRECONCEITO."</p> <p>GC: MICAEL, MUSICO</p> <p>CLAUDIO - 1'14 - 1'47</p> <p>D.I "ESPECIALMENTE APÓS O FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL..."</p> <p>D.F "DE UMA PRODUÇÃO INTERNACIONAL."</p> <p>GC: CLAUDIO BERTOLLI</p> <p>OFF OFF 1 - 00'00 - 00'19 OS BAILES FUNKS NO BRASIL TIVERAM INÍCIO EM 1980 NAS</p>		

	VT 1 - A HISTÓRIA DE FUNK VISÃO DOS PROFISSIONAIS A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	Tempo	Data	Nº da lauda
				1
vídeo	tec	áudio		
		<p>COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO. /// UM DOS PRECURSORES DESSE GÊNERO FOI DJ MARLBORO. //// MARLBORO GANHOU UMA BATERIA ELETRÔNICA DE HERMANO VIANNA QUE NA ÉPOCA ESTAVA ESCRREVENDO O LIVRO "O MUNDO DO FUNK CARIOCA".</p> <p>((IMAGENS RETIRADAS DA INTERNET DO LIVRO DE HERMANO VIANNA E VIDEO DE SHOW DE FUNK (BONDE DO ESTRALO)))</p> <p>PASS PASSAGEM 2 THAIZA MVI0458-1'35 Á1'42</p> <p>DAI PRA FRENTE O DJ NÃO PAROU MAIS. /// PARA RESGATAR ESSA HISTÓRIA FOI RECORRIDO A TECNOLOGIA, EM UMA ENTREVISTA VIA SKYPE. ///</p> <p>VT IMAGENS - COLOCAR CAPTURA DA CÂMERA EXTERNA</p> <p>SON GC: DJ MARLBORO, CRIADOR DO FUNK CARIOCA</p> <p>DJ MARLBORO: 00'57 Á 01'44</p>		

	VT 1 - A HISTÓRIA DE FUNK VISÃO DOS PROFISSIONAIS A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	Tempo	Data	Nº da lauda
				1
vídeo	tec	áudio		
	VT	<p>D.I "RAPAZ EU COMECEI EM 77 COMO DJ AMADOR"</p> <p>D.F "PORQUE EU ERA INGÊNUO NÃO SABIA QUE EXISTIA UMA DIFERENÇA ENTRE ZONA SUL E ZONA NORTE, ETC.</p> <p>GC: CLIPE RETIRADO DA INTERNET – MC MARCINHO "FAVELA"</p> <p>SOBE SOM-MUSICA MC MARCINHO- "FAVELA"- 0' 17 - 0' 25</p> <p>D.I "FAVELA..."</p> <p>D.F "SOMOS MAIS VOCÊ"</p> <p>sonora - DJ MARLBORO- 6' 21 - 06' 41</p> <p>D.I "CHEGOU AO PONTO DE UMA GRAVADORA NÃO QUERER FAZER NEM UM CONTRATO DE EDIÇÃO..."</p> <p>D.F "AQUELE DOCUMENTO QUE IA FAZER."</p> <p>DJ MARLBORO-07' 03 -07' 41</p> <p>D.I "MUDOU SIM, HOJE O FUNK É MAIS POPULAR QUE ANTIGAMENTE..."</p> <p>D.F "MAS AGORA SÓ QUE</p>		

	VT 1 - A HISTÓRIA DE FUNK VISÃO DOS PROFISSIONAIS	Tempo	Data	Nº da lauda
A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP				1
vídeo	tec	áudio		
	PAS	<p>APARECE MAIS COMO PRECONCEITO DO QUE ANTIGAMENTE NÉ"</p> <p>PASSAGEM THAIZA MVI- 03' 39- 03' 52</p> <p>MESMO ATRAINDO UM GRANDE PUBLICO O FUNK AINDA É HOSTILIZADO. //// AS LETRAS QUE MOSTRAM A REALIDADE, CAUSA ESPANTO, A FACILIDADE NA PRODUÇÃO MUSICAL É QUESTIONADA PELOS PROFISSIONAIS DA MÚSICA.</p> <p>SONORA EMIL SHAYEB MVI0322- 01' 09 -01' 35</p> <p>D.I "COM CERTEZA FUNK É MÚSICA É UMA EXPRESSÃO CULTURAL DE UM DETERMINADO PUBLICO..."</p> <p>D.F "NÃO É PORQUE É FEITO DE MÚSICA ELETRÔNICA OU DE SAMPLERS QUE NÃO VAI SER CONSIDERADO MÚSICA."</p> <p>SONORA LEONARD COUTO MVI1321: 02' 55 Á 03' 38</p>		
	VT			

	VT 1 - A HISTÓRIA DE FUNK VISÃO DOS PROFISSIONAIS	Tempo	Data	Nº da lauda
A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP				1
vídeo	tec	áudio		
		<p>D.I "EU NÃO GOSTO MUITO DESSA SIMPLICIDADE..."</p> <p>D.F "ESSA É A PIOR PARTE PRA MIM DO FUNK."</p> <p>SONORA MC EN - MVI0328- 09'57 - 10'18</p> <p>D.I "EU NÃO GOSTAVA DE LER NADA, NEM DE ESCREVER NADA..."</p> <p>D.F "FUI TOMANDO GOSTO DEPOIS QUE EU CONHECI O"</p> <p>GC: MC EM, 14 ANOS</p>		

	VT 2- A HISTORIA DE FUNKEIROS DE BAURU/ CRIANÇAS QUE VIVEM DO FUNK A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP	Tempo	Data	N° da lauda
				2
video	tec	audio		
		<p>VT HISTÓRIA DE FUNKEIROS DE BAURU/ CRIANÇAS QUE VIVEM DO FUNK REPORTAGEM: THAIZA COSTA IMAGENS DANIEL SPAGNUOLO -</p> <p>VINHETA DO PROGRAMA</p> <p>/////RODA VT \\\\\\\\\\\\\\\</p> <p>VT SOBE SOM WHATSAPP VIDEO 2017.10.12- 00'01-00'09 D.I "ENTÃO JOGA..." D.F "ENTÃO JOGA."</p> <p>GC: BONDE DO ESTRALO \\\\\\\\\\\\\\\ RODA VT \\\\\\\\\\\\\\\</p> <p>VT RODRIGO MVI0327-01'18 - 01'39 D.I "SEMPRE GOSTEI DE FUNK..." D.F "E EU TIVE A IDEIA DE FAZER O FUNK INSTRUMENTADO COM GUITARRA BAIXO E BATERIA E PERCUSSÃO." GC: RODRIGO GARCIA, BAIXISTA NO BONDE DO ESTRALO</p> <p>OFF OFF 2 - 0'22- 0'31 FORMADO POR 6 JOVENS</p>		

	VT 2- A HISTORIA DE FUNKEIROS DE BAURU/ CRIANÇAS QUE VIVEM DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	N° da lauda
				2
vídeo	tec	áudio		
	OFF	UNIVERSITARIOS DE CLASSE MÉDIA ALTA, O BONDE DO ESTRALO É O PRIMEIRO GRUPO DE FUNK DE BAURU E TEM AGRADADO O PUBLICO. OFFS-0'37- 0'52 VITOR HENRIQUE CARVALHO CANDIDO, FUNKEIRO BAURUENSE DE 14 ANOS, QUE JÁ FAZ SUCESSO NO CENÁRIO DO FUNK. O ADOLESCENTE JÁ TEM UM CD E CANTOU COM NOMES RENOMADOS DO FUNK COMO MR CATRA E LÉO DA BAIXADA.		
	SON	SOBE SOM MC EM CLIPE VIDA DE BACANA-01'14- 1'24 D.I "NA GARAGEM CAMARO, SONATA, VELOSTER... D.F "CORDÃO 18 KILATES." GC: MC EN, FUNKEIRO		
	VT	//////////RODA VT \\\\\\\ MC EN MVI0328- 01'27 - 01'52- 02'06- 02'16 D.I "EU SEMPRE TIVE GOSTO,		

	VT 2- A HISTORIA DE FUNKEIROS DE BAURU/ CRIANÇAS QUE VIVEM DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	Nº da lauda
vídeo	tec	áudio		
	VT	PELO ESTILO, RITMO DO FUNK..." D.F "E DAÍ NÃO PAROU MAIS." D.I "E HOJE EU TENHO 10 MUSICAS NO CD GRAVADO..." D.F "EM TODA REGIÃO		
	PAS	PASSAGEM THAIZA MVI0464-00'03 Á 0'14 PARA ALGUNS A ESPERANÇA DE UM FUTURO MELHOR, PARA OUTROS, UM PRODUTO VOLTADO PARA O ENTRETENIMENTO QUE NÃO OFERECE NADA ALÉM DE DIVERSÃO. //////////RODA VT\\\\\\\\\\\\		
	VT	BONDE DO ESTRALO (CAIO) MVI0327- 05'44- 06'07 D.I "MAS O RITMO DO FUNK VEM DE UM LUGAR QUE A GENTE NÃO CONHECE..." D.F "QUANDO NA VERDADE É O MEIO DELES SE EXPRESSAREM TAMBÉM LÁ"		

	VT A INFLUÊNCIA E 3 CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	Nº da lauda
vídeo	tec	áudio		
	PAS	<p>D.F "QUEM NUNCA ESCUTOU UM FUNK NA VIDA NÉ?."</p> <p>GC: RAFAELA XAVIER, 11ANOS</p> <p>PASSAGEM THAIZA MVI0450-2'20 Á 02'38</p> <p>A SEXUALIZAÇÃO DA CRIANÇA E ADOLESCENTES FOI UM DOS MOTIVOS QUE LEVOU O EMPRESÁRIO MARCELO ALONSO A CRIAR O PROJETO DE LEI QUE CRIMINALIZAVA O FUNK, TRATANDO COMO CRIME DE SAÚDE PÚBLICA. FUNKEIROS SE MANIFESTARAM A RESPEITO DO PROJETO.</p>		
	OFF	<p>SONORA THAIZA- 00'55-1'09- ((IMAGENS DO SITE DO SENADO/ LEITURA DOS TWITTES))</p>		
	VT	<p>D.I"EDUCAÇÃO, QUERIDOS. INVISTAM EM EDUCAÇÃO PRIMEIRO"</p> <p>D.F"O FUNK GERA TRABALHO, GERA RENDA...PRA TANTA GENTE...UMA VISITINHA NAS AREAS MENOS NOBRES DO NOSSO PAÍS E VOCÊS DESCOBRIRIAM ISSO RÁPIDO"</p> <p>////////RODA VT\\\\\\\\\\\\\\\\</p> <p>FABIO MVI0364: 03'11 Á 03'58</p>		

	VT A INFLUÊNCIA E 3 CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	Nº da lauda
vídeo	tec	áudio		
	VT	<p>D.I "EU ENTENDO QUE ESSA IDEIA ESSA SUGESTÃO, FOI ALGO REALMENTE PRA CHAMAR ATENÇÃO..."</p> <p>D.F "ENTÃO VOCÊ NÃO PODE ASSOCIAR O FUNK A PRÁTICA DE DELITOS, A PRÁTICA DE CRIMES."</p> <p>GC: FABIO COUCI, ADVOGADO SONORA-CLAUDIO - 4' 41 - 5' 31</p> <p>D.I " VEJO QUE É UMA SITUAÇÃO COMPLETAMENTE DOIDA..."</p> <p>D.F " ALGUMA COISA TA MUITO ERRADA NA NOSSA SOCIEDADE"</p> <p>GC: CLAUDIO BERTOLLI, ANTROPÓLO E SOCIÓLOGO</p>		
	OFF	<p>OFF-THAIZA- SONORAS OFFS- 01' 10- 01' 38</p> <p>O PROJETO TEVE 22.00 ASSINATURAS DE APOIO NA INTERNET E PASSOU A TRAMITAR PELO SENADO. O SENADO ROMÁRIO FOI O RESPONSÁVEL PELO PROJETO DENTRO DO SENADO. CONTRA A PROPOSTA O SENADOR CONVOCOU UMA AUDIÊNCIA COM OS FUNKEIROS MAIS RENOMADOS DO PAIS, COMO BUCHECHA, ANITTA E VALESCA POPUZADA, JUNTAMENTE COM</p>		

	VT A INFLUÊNCIA E 3 CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	Nº da lauda
				3
vídeo	tec	áudio		
		A COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS, RESULTANDO NA REJEIÇÃO DO PROJETO.		
	SON	SOBE SOM-CLÍPE BONDE DOS IRMÃOS (MC MARCINHO) : 00' 01 Á 00' 10		
		D.I "NEM MELHOR, NEM PIOR..."		
		D.F "DEMOROU PRA ENTRAR NO BONDE DOS IRMÃO		
		GC: CLÍPE RETIRADO DA INTERNET – MC MARCINHO "BONDE DOS IRMÃOS"		
		//////////// RODA VT\\\\\\\\\\\\		
	VT	CLAUDIO: 03' 06 –04' 07		
		D.I "ENTÃO DE UM LADO NÓS OBSERVAMOS O QUE SIM..."		
		D.F "LA TEM BANDIDO, LA PREJUDICA A COMUNIDADE."		
	VT	CLAUDIO- 06' 36 –7' 22		
		D.I "NA VERDADE O FUNK ELE ACONTECE..."		
		D.F "BARULHO DE SELVAGENS"		
	VT	FLAVIO MVI0330- 1' 43- 1' 52		
		D.I "O FUNK É CULTURA, É LAZER..."		

	VT A INFLUÊNCIA E 3 CRIMINALIZAÇÃO DO FUNK <small>A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP</small>	Tempo	Data	Nº da lauda
vídeo	tec	áudio		
		D.F "O FUNK TRAZ ALEGRIA!."		
	VT	SONORA CLAUDIO- 4'14 -4'21		
		D.I "ENTÃO ELE EXISTE, ELE É IMPORTANTE, É A VOZ..."		
		D.F "UMA DAS VOZES ARTÍSTICAS DAS CAMADAS SUBALTERNAS."		
	VT	SONORA MC En- MVI0328- 4'00 - 4'08		
		D.I "PORQUE SE EU NÃO TIVESSE CANTANDO FUNK..."		
		D.F "UMA COISA BOA."		
		SONORA THAIZA 00174- 5'04 - 5'14		
	VT	D.I "UMA BOA NOITE..."		
		D.F "USC REPÓRTER! ."		
		////////////////////RODA VT //////////////////////		

APÊNDICE D - Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o(a) A OUTRA FACE DO FUNK: A REALIDADE POR TRÁS DO GÊNERO MUSICAL FUNK EM BAURU-SP desenvolvido(a) por THAIZA REGINA COSTA SILVÉRIO, RG; 41.611.198-1 CPF; 408.055.798-18, como trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *vídeos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

, ____ de _____ de 201_.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
E-mail:

APÊNDICE E – Link para acesso ao Produto

O produto pode ser acessado através do seguinte link:
<http://facedofunk.blogspot.com>.